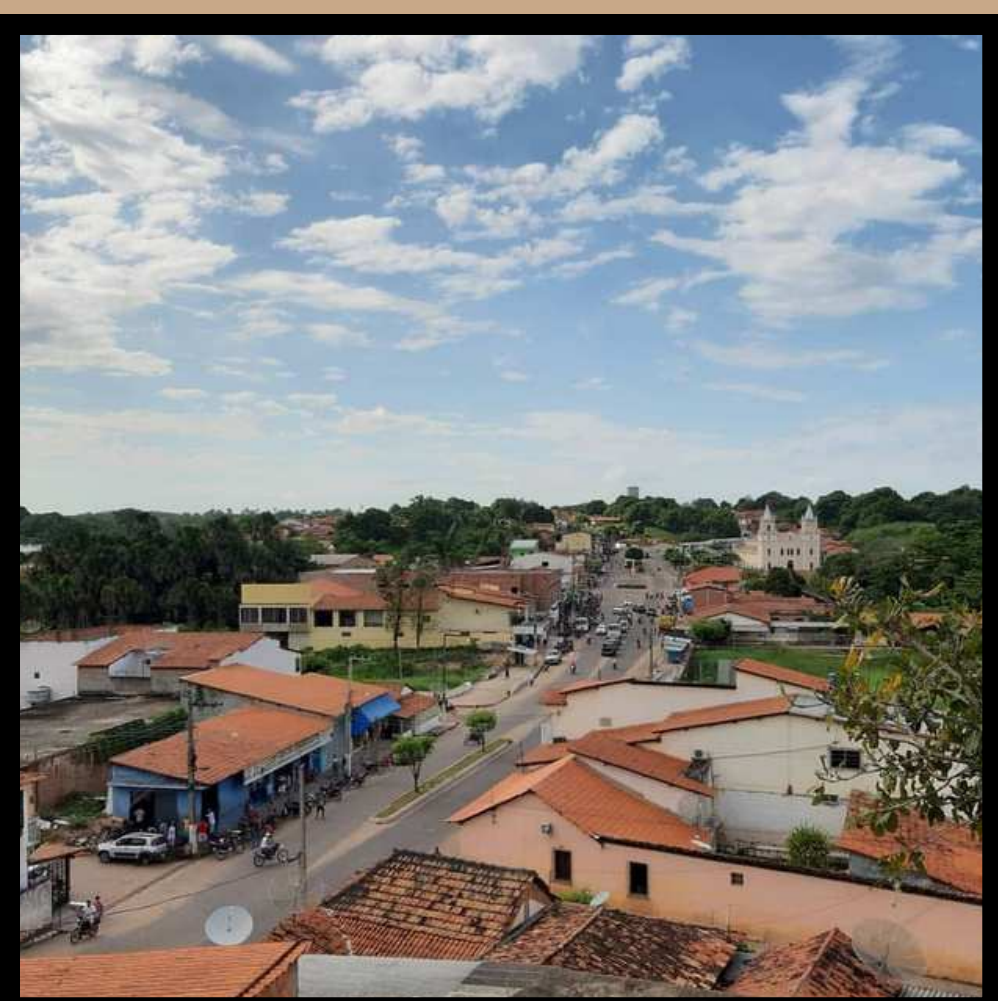




RUAS DE MEMÓRIA

O ensino de história local a partir dos nomes das ruas de Brejo - MA



Pesquisa e elaboração do texto: Patrícia Viana de Carvalho

Orientação: Profa. Dra. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento

Revisão do texto: Profa. Dra. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento

Carvalho, Patrícia Viana de.

Ruas de memória: o ensino de história local a partir dos nomes das ruas de Brejo - MA. / Patrícia Viana de Carvalho. – São Luís, 2025. 58. : il.

Produto Educacional da Dissertação: “O ensino de História local nos processos de (re) nomeação de ruas da cidade de Brejo- MA: memória, cultura e da identidade”.

Orientação da Profa. Dra. Franc-Lane Sousa Carvalho do Nascimento.

1. Ensino de História. 2. Local. 3. Memória. 4. Identidade. 5. Ruas. I. Título.

CDU 93/94:37(812.1) (072)

Elaborada por Lauisa Sousa Barros - CRB 13/657



Sumário



APRESENTAÇÃO.....01

CAPÍTULO 1 - OS NOMES DAS RUAS CONTAM HISTÓRIAS.....02

1.1 Ensino de História e a História Local em sala de aula.....07

1.2 HISTÓRIA DO LUGAR: a rua como um lugar de memória.....09

1.3 Um olhar para a história da cidade de Brejo através de suas principais ruas12

CAPÍTULO 2 - HISTÓRIAS QUE SE CONECTAM: História Local e História Nacional entre as ruas de Brejo.....34

2.1 Releitura dos nomes das ruas de Brejo a partir de temas de conteúdos dos livros didáticos da História do Brasil e do Maranh.....36

CAPÍTULO 3 - SILENCIAMENTOS: uma reflexão sobre questões étnico-racial e de gênero..45

3.1 Porque os povos indígenas não estão sendo representados nos nomes dos logradouros públicos?.....45

3.2 Mulheres, “por onde caminham”? uma reflexão acerca da ausência de ruas com designação feminina.....48

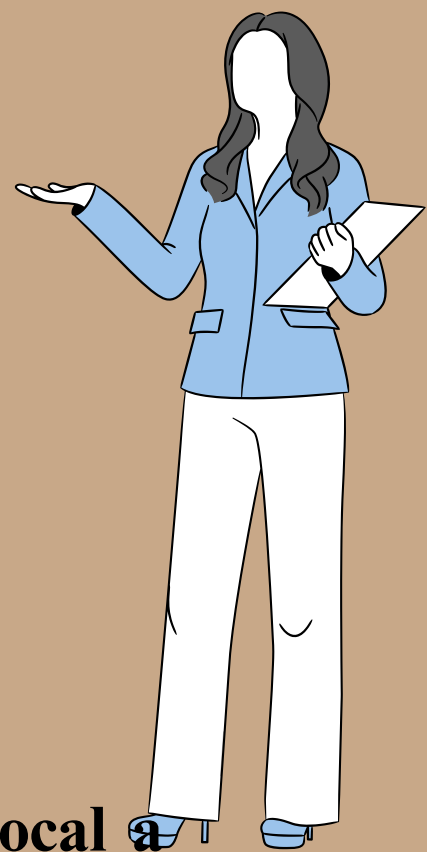
4 GLOSSÁRIO.....52

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....53

6. SUGESTÕES DE ATIVIDADES.....55

7 REFERÊNCIAS.....56

APRESENTAÇÃO



Caro (a) professor (a),

Este material didático, intitulado "RUAS DE MEMÓRIAS: o Ensino de História Local a partir dos nomes das ruas de Brejo - MA ", é resultado da pesquisa de dissertação de Mestrado Profissional, foi elaborado no sentido de colaborar com a inserção da História Local no processo de ensino e aprendizagem dos educandos.

Sua construção baseia-se na necessidade de ampliar o acesso ao conhecimento acadêmico e aplicá-lo de forma prática e acessível ao contexto escolar. Desta forma, este Guia Didático visa preencher as lacunas existentes no ensino básico ao abordar questões locais e específicas que são muitas vezes negligenciadas no currículo tradicional. Ao integrar os resultados da pesquisa acadêmica ao ensino cotidiano, espera-se não apenas enriquecer o aprendizado dos alunos, mas também fomentar um maior engajamento e compreensão da realidade que os cerca. Dessa forma, o material almeja ser uma ferramenta valiosa para professores e alunos, contribuindo para uma educação mais contextualizada e significativa.

A História Local tem sido uma abordagem que vem ganhando de forma gradativa espaço no currículo de algumas escolas no município da cidade de Brejo, cujo objetivo é promover aos discentes, conhecimento referente ao lugar onde vivem, no sentido de despertar um sentimento de pertencimento e valorização de sua história através de elementos suscitados pelo conhecimento histórico. Assim sendo, este material destina-se à promoção de uma aprendizagem voltada para elementos da história local de Brejo em interface com elementos da história nacional a partir das nomeações de logradouros públicos da cidade, promovendo discussões e problematizações acerca do processo de formação histórico social da nomeação de ruas e como isso influencia na memória e na formação identitária dos seus cidadãos. Este trabalho emerge da ideia de ofertar a você, professor(a), da disciplina de História do Ensino Médio de Brejo - MA, um suporte materializado como apoio para seu trabalho em sala de aula a despeito da história da cidade.

O presente produto está dividido em três capítulos, cada um deles visa facilitar o processo de ensino e aprendizagem, bem como o protagonismo em classe dos alunos.

O primeiro capítulo destina-se a dialogar a respeito do ensino de História, sobretudo, a importância do estudo da História Local enquanto elemento pedagógico essencial na construção do conhecimento histórico assim como identitário dos discentes, na medida que trabalhará a questão da memória, tendo como foco principal, a ruas de Brejo.

O segundo capítulo visa estabelecer uma relação entre as nomeações de algumas personalidades que nomeiam a ruas de Brejo, possibilitando ao estudante não somente um conhecimento relativo ao local que ele vive mas em interação com a História Nacional, proporcionando também um estudo interdisciplinar.

O terceiro capítulo tem como finalidade trazer uma reflexão quanto aos excluídos da História. Essa ultima parte deste material trás algumas questões relacionadas a ausência da representatividade étnico/racial e de gênero em relação ao processo de nomear vias públicas.

Desta forma, espero que esta abordagem propicie a você docente e conseqüentemente os seus alunos uma excelente experiência sobre a história de Brejo por meio do estudo de seus logradouros, proporcionando uma reflexão e problematização acerca de questões surgidas frente a essa temática. Por ultimo, desejo um bom estudo e que esse trabalho possa contribuir de forma significativa para o aprendizado dos discentes.

CAPÍTULO 1 -

O NOME DAS RUAS CONTAM HISTÓRIAS

Você já parou para refletir sobre a função e o significado de um nome ?

Já se indagou sobre o que seu nome ou seu sobrenome dizem sobre você?

Dar nome às pessoas e às coisas é um processo que está atrelado a diversas questões, questões estas que podem estar atribuídos a múltiplos significados pouco importantes, mas também munido de subjetividades e interesses. O nosso país, por exemplo, foi nomeado desta forma, pois se refere à **cor vermelha de uma madeira - o pau -brasil**, usada para tingir tecidos que os portugueses encontraram no país, de tão avermelhada, eles associaram a “brasa”, daí surgiu o nome Brasil.

À vista disso, quando se pensa sobre o nome das ruas de uma cidade, podemos constatar que os motivos ligados a todos eles carregam significados que fazem parte da nossa identidade.



De acordo com o historiador

Reginaldo B. Dias (2000),

o ato de nomear ruas, não é uma atividade inocente, ou seja, para ele é possível identificar um desvio no trabalho de vereadores nessas práticas.



Fonte: <https://images.app.goo.gl/vBE7SUWSRVjh8>

Para o autor esse processo de nomeação de logradouros públicos é determinado a partir de um interesse em perpetuar a memória de personagens e também de acontecimentos relacionados à história nacional ou local. Portanto o interesse maior é reproduzir e eternizar a chamada história oficial, isto é, trata-se de uma homenagem à genealogia da nação assim como os fatos e sujeitos associados a eles.

Quando observamos essas estratégias de nomeação, é possível perceber que os critérios para selecionar os nomes vão mudando com o passar dos anos, os fatores que influenciaram a denominação das ruas mudaram. Por exemplo, em cidades mais antigas costumeiramente encontramos ruas e avenidas com nomes que fazem referências a setores de ordem comercial, religiosa e geográficas como, por exemplo, Rua Grande, Rua do Ouvidor, Rua Nossa Senhora Aparecida.

É interessante observar também que no Período Colonial, além dos nomes que faziam alusão a sujeitos religiosos trazidos pelos jesuítas e pelos portugueses, surgiram também personalidades relacionadas à dimensão política-administrativa, como por exemplo, Mem de Sá, ou heróis de conflitos contra os indígenas como João Ramalho, homens da resistência contra os holandeses como Felipe Camarão e alguns bandeirantes como Fernão Dias, resultando em importantes nomes de ruas.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/1088252697439501947/>



As figuras aqui apresentadas são apenas ilustrações que remetem ao período histórico analisado.

Patrícia

Já no Período Imperial o cenário muda, dessa vez as personalidades que compunham a realeza portuguesa foram as que motivaram a nomear ruas e praças, sobretudo, aqueles personagens associados ao processo de independência, tais como, D. Pedro I, e também a própria data que foi proclamada a independência, o 07 de setembro.

Por tanto, a nomeação dos logradouros públicos passou a refletir a monarquia e os heróis nacionais, reforçando a legitimidade do novo governo imperial.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/4574037114280225/>



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/738590407669536900/>

Com a inserção da República alargam-se os tipos de homenagens realizadas através da nomeação de logradouros públicos, dessa vez o tributo passa a honrar os nomes de esposas de governadores, neste caso, a ênfase recai para as figuras políticas de destaque bem como pais de prefeitos, mães de empresários, há destaque também para os abolicionistas, especialmente a Princesa Isabel e além do mais a data da abolição, 13 de maio.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/9922061667265120/>



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/970666525907951363/>

Podemos destacar ainda o período que abrange a ditadura militar, visto que nesta época foram criadas novas ruas fazendo referencia a datas, sujeitos e eventos militares. Enfatiza-se também a formação de nomes de ruas homenageando artistas, políticos, militares e comerciantes e as camadas mais abastadas da sociedade, o que ocasionava muitas vezes a perpetuação de uma narrativa única e excludente



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/111534528264358163/>

Não podemos esquecer do período que compreende a Redemocratização e Pós- Ditadura, nessa fase, ocorreu um movimento de revisão crítica em relação aos nomes de logradouros públicos. Em diversas cidades bem como ruas e praças que homenageavam personalidades da ditadura passaram a serem renomeados com outro nomes, principalmente, defensores da democracia e dos direitos humanos, como forma de reparação histórica.

Sobre o movimento de renomeação de logradouros públicos que homenageiam figuras militares e que atentaram contra a democracia, ver, dentre outros:

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/justica-sp-nomes-ditadura-militar-ruas-instalacoes/>

Patrícia

Sobre Reparação Histórica...

Atualmente a renomeação de espaços públicos é frequentemente usada como ferramenta de reparação histórica. Mudanças como substituir nomes de figuras autoritárias por nomes de ativistas dos direitos humanos representam um esforço de reconhecer e homenagear aqueles que lutaram por justiça e liberdade.

PARA REFLETIR...

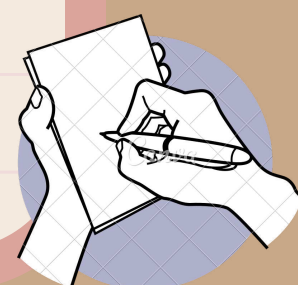
Como elucidado acima, acerca das mudanças pelos quais os nomes de logradouros públicos, como ruas, praças e até mesmo monumentos, mudam de acordo com cada período histórico e que, essas mudanças muitas vezes são carregados de significados; muitas vezes elas refletem prioridades de uma sociedade dominante o que acaba por outro lado excluindo determinados grupos sociais, como negros, mulheres, indígenas e outro grupos historicamente marginalizados.



Com o processo de redemocratização esse cenário vem mudando; a discussão a respeito de quem merece ser homenageado tem sido ampliada. Essa mudança é reflexo de um crescente movimento no qual reconhece a importância de incluir sujeitos e grupos antes silenciados .

Importante:

Os nomes dos espaços públicos servem como símbolos que ajudam a construir a identidade de uma comunidade. Eles refletem quem somos, de onde viemos e o que valorizamos. Ao reconsiderar e atualizar essas denominações, as cidades têm a oportunidade de reafirmar valores como igualdade, justiça e inclusão.



Com vistas ao que foi colocado acima podemos constatar que o exercício de nomear ruas não é um mero ato por parte dos políticos responsáveis, antes são práticas que muitas vezes carrega particularidades que não condizem com memória histórica da cidade e, que em muitos casos fazem referência a sujeitos e eventos relacionadas a História nacional no qual celebram atos que fazem alusão a regimes antidemocráticos .

Pensando nisso, quando observamos os nomes das ruas de nossa urbe é interessante analisar quais elementos que influenciaram a designação destes nomes e como a identidade social e histórica da cidade de Brejo é construída a partir dos nomes atribuídos às ruas. Desta forma, podemos constatar que a maioria dos nomes atribuídos a ruas da cidade de Brejo – MA, faz menção a personagens que se destacaram dentro do cenário nacional, regional e local e, em sua maioria, homens que se sobressaíram na esfera socioeconômica, militares e religiosos da cidade, ficando à margem grupos sociais, como mulheres, indígenas e negros.

1.1 ENSINO DE HISTÓRIA E A HISTÓRIA LOCAL EM SALA DE AULA



O estudo histórico exerce um compromisso significativo, na medida em que contempla conhecimento a ser adquirido e também uma reflexão da relação que construímos socialmente, assim como das relações entre indivíduo e grupo. Nessa perspectiva, o ensino de História tem como dentre tantas abordagem pedagógicas, o ensino de História Local, capaz de possibilitar ao aluno refletir sobre seus valores e suas práticas cotidianas e relacioná-los com o conhecimento histórico que é algo relativo ao seu grupo de convívio, à sua localidade, à sua região e à sua realidade social.

Segundo o professor de História Carlos Henrique Farias Barros, (2012), a construção do conhecimento histórico transforma o modo como o aluno compreende a sua percepção de mundo, as informações e referencias e como esses elementos se relacionam entre si, tendo em vista que o ensino de História oportuniza que os discentes desenvolvam noções e consequentemente proporciona mudanças no seu modo de entender a si, sua identidade individual e mesmo suas relações sociais assim como a própria História.

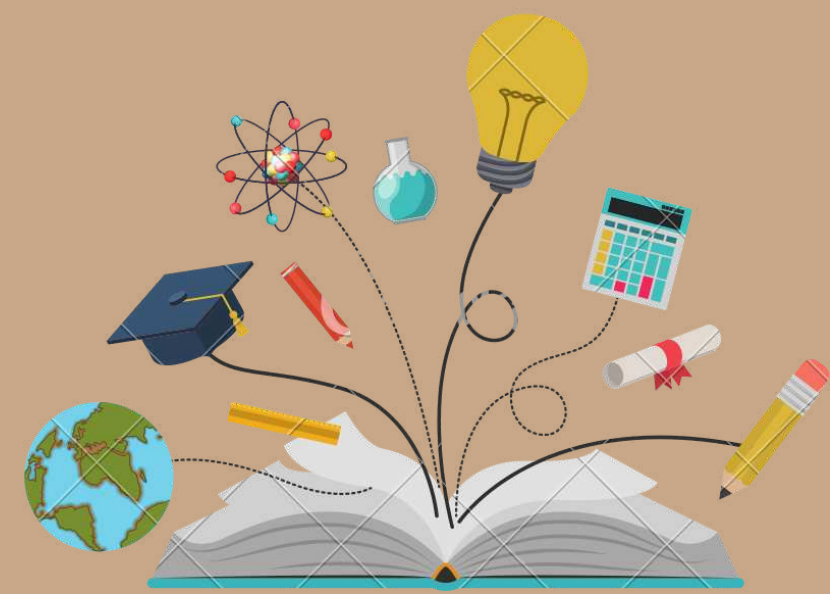


Fonte: <http://lattes.cnpq.br/8590385958690263>

Desta forma, o ensino de História Local apresenta-se como um ponto de partida para a aprendizagem histórica, ou seja, uma oportunidade para que o aluno adquira não somente as informações pertinentes ao saber histórico, mas que permita à ele o compromisso com o conhecimento histórico de forma consciente, através da oportunidade de trabalhar com a realidade em que vivem e atuam. Nesse sentido, de acordo com o autor, “o ensino-aprendizagem da História Local configura-se como um espaço-tempo de reflexão crítica acerca da realidade social e, sobretudo, referência para o processo de construção das identidades destes sujeitos e de seus grupos de pertença” (Barros, 2012, p.3)



MAS O QUE DIZ A BNCC SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA LOCAL?



A História Local é a história que aborda elementos relativo a uma determinada região, município, cidade e/ou localidade. Apesar de estar relacionada a uma história num contexto global, a história local é representada pela valorização daquilo que é particular, das especificidades, das diversidades de um determinado lugar; ela se caracteriza como um ponto de partida para a formação de uma identidade regional.

É interessante refletir como o estudo da História Local comumente estar associado à História do Cotidiano na medida em que torna indivíduos “comuns” participantes de uma história ilusoriamente sem importância. O historiador Carlos Henrique Farias (2012), nos adverte sobre uma questão importante, o cuidado em necessário ao tratarmos e estudarmos os saberes relativo a História Local no que se refere a questão do conceito de espacialidade, ou seja, costumeiramente entendemos que História local é o estudo do entorno, do bairro, da cidade, daquilo mais próximo, no entorno; no entanto é necessário compreender que se trata de uma dimensão maior na medida em que “cada lugar tem suas especificidades e precisa ser entendido por meio da série de elementos que o compõem e de suas funções”.(Barros, 2012, p.16).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) elaborado pensando a nível de Ensino Médio, na área de história, foram construídos a partir de uma perspectiva no qual devem ser tomados como padrão para trabalhar a experiência e os contextos mais amplos, ou seja: O ensino e aprendizagem de História estão voltados, inicialmente, para atividades em que os alunos possam compreender as semelhanças e as diferenças, as permanências e as transformações do modo de vida social, cultural e econômico de sua localidade, no presente e no passado, mediante a leitura de diferentes obras humanas. (Brasil/MEC/SEF, pág.49)

Nesse sentido, a História Local, ao estudar o entorno, o bairro, a rua, o particular, possibilita aos discentes perceberem-se como parte integrante da História, sujeito ativo dos eventos que não são lineares, antes são permeados de descontinuidades que é característico do processo histórico.

Trata-se de uma estratégia de aprendizagem no qual assegura aos educandos um maior domínio do conhecimento histórico, viabilizando a construção de uma história mais plural e preocupada na inserção de sujeitos e múltiplas realidades que são relegadas aos esquecimento e mesmo silenciadas, isto é, que não foram institucionalizadas sob a forma de conhecimento histórico. Aqui podemos refletir sobre a importância da valorização da memória dos sujeitos históricos que constroem suas histórias diariamente tendo em vista que o ensino de História Local permite que possamos dar vozes àqueles autores que estiveram marginalizados pela História Oficial.

Para finalizarmos esse tópico em torno da relevância da História Local enquanto metodologia para o ensino de História, enfatiza-se que a História Local não deve ser vista apenas como um conteúdo a ser ensinado em sala de aula, antes deve ser tratada enquanto uma estratégia pedagógica pela qual investiga de forma metodológica os assuntos, os temas que são pertinentes de uma realidade local. Desta forma, o ensino de História Local deve ser entendida e construída a partir de novas fontes, como salienta o autor mencionado acima, ela deve ser escrita a partir da “identificação das edificações antigas, do traçado das ruas, da memória dos mais antigos, das mudanças do cotidiano urbano que só podem ser observadas pelos olhares mais atentos ou orientados.” (Barros, 2012, p.19)

1.2 HISTÓRIA DO LUGAR: a rua como um lugar de memória

Neste tópico, vamos discutir como os logradouros públicos se tornam espaço de estudo por meio da história local, uma vez que o estudo das ruas enquanto lugar de memória reconhece os sujeitos como agentes de lembranças e esquecimentos.

A importância de se estudar a “história do lugar” tem se mostrado cada vez mais presente nos últimos anos, seja, por exemplo, na escola, na comunidade, nas ruas, lugares onde existem suas especificidades e memórias. Com isso, diferentes lugares, tais como ruas e avenidas, passam a ser alvo de estudo nas aulas de história, que por sua vez, passam a desempenhar importante papel na leitura crítica dos educandos em relação à dinâmica espaço-temporal das cidades e na compreensão da historicidade dos lugares.



Pensando na rua enquanto espaço de memória, o historiador francês Jacques Le Goff (1994, p. 423), afirma que o conceito de memória é uma propriedade de conservar certas informações,



fonte: <https://sl.bing.net/bPBkOI6F5lk>

a memória remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.”

Nesse sentido, a rua se apresenta como um espaço/tempo regido de memórias, sentimentos, histórias e História que são comuns a cada geração que ali viveram e são repassadas aos seus descendentes, onde as transformações acontecem lentamente. O nome das ruas de uma cidade também são dotadas de historicidade e memória. Mas você já se perguntou como os nomes as ruas podem construir a memória da cidade?



Fonte: https://th.bing.com/th/id/OIP.I_UKld_znm1fds0JIZi1KwHaE8?w=243&h=180&c=7&r=0&o=5&dpr=1.3&pid=1.7

Ao pensar esse tema, de que forma os nomes das ruas podem influenciar na construção da memória da cidade em que moramos? Podemos refletir essa problemática ao analisarmos uma iniciativa da prefeitura de São Paulo, denominada “Ruas de Memórias”, iniciada em 2015.

O projeto “Ruas de Memórias” se destina a por em prática a renomeação de mais de vinte (20) terminologias de logradouros públicos que fazem designação ao período ditatorial, ou seja, renomear ruas cujo nome trata-se de personalidades que atentaram contra os direitos humanos por nomes de sujeitos que lutaram pela liberdade e democracia no mesmo período da ditadura.



Entre as ruas com nomes de pessoas ligadas ao regime militar que podem mudar de nome está a Rua Sérgio Fleury, na Vila Leopoldina (Foto: TV Globo/Reprodução)



Para saber mais sobre o projeto,

acesse: [G1 - SP quer mudar nomes da ditadura militar em ruas da cidade; veja lista - notícias em São Paulo](#)

O foco é desconstruir a consagração de eventos e figuras antidemocráticas e enaltecer personagens que foram prejudicados e de alguma forma lutaram a favor da democracia. Como exemplo, o Viaduto 31 de Março, que antes fazia referencia ao golpe de 1964, vai se tornar o Viaduto Therezinha Zerbini, que foi uma ativista que liderou o Movimento Feminino pela Anistia, em 1975.

Therezinha Zerbini





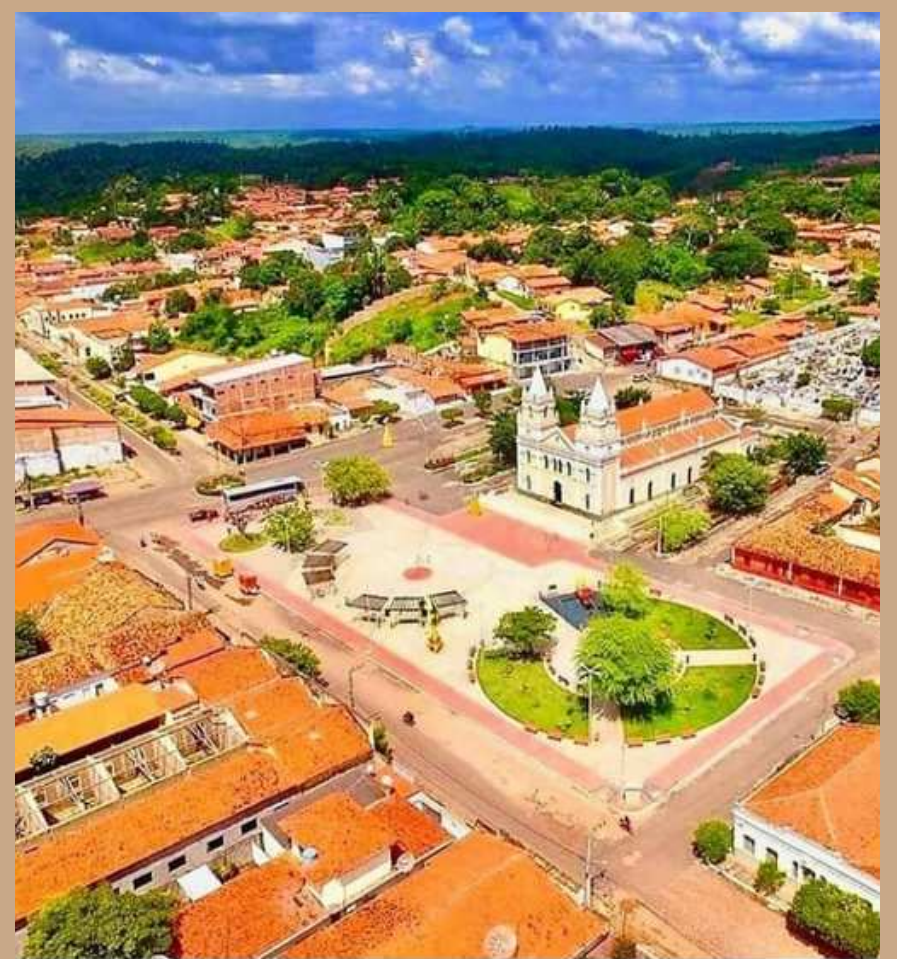
Iniciativas como esta buscam promover uma reparação histórica às vítimas da ditadura.

Como vimos, o nome das ruas contam histórias, pois elas possuem diferentes facetas, contam acontecimentos históricos, dialogam sobre personagens históricos, portanto, a rua é lugar pelo qual varias gerações transitam, é local onde estão presentes memórias do presente e do passado. A existência de uma cidade está diretamente ligada à formação das ruas e esta atrelada a aspectos físicos, mas também em dimensões sociais, culturais, políticos e econômicos.

Esse tipo de ação visa cumprir um papel de caráter educativo e de ressignificação do espaço público e dos símbolos ligados ao autoritarismo do passado, acreditando que a lembrança permanente ajuda a transformar o legado de violência da época da ditadura.

1.3 Um olhar para a história da cidade de Brejo através de suas principais ruas

Como vimos no início, a ação de nomear ruas e vias públicas está longe de se caracterizar como ato isento de neutralidade por parte de seus vereadores ou prefeitos, desse modo vamos conhecer, de maneira geral, algumas ruas centrais de Brejo/MA e quem são as personalidades que dão nome à eles, de forma a compreendermos como essas designações dialoga com a memória e a identidade de seus cidadãos.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMNFM4BhAlx/?igsh=MTIncWptODV4ZmVrOA==>

Brejo está localizado a pouco mais de 318 km da capital do estado, São Luís, compreende uma área de 1.073 km², limita-se ao norte com as cidades de Milagres do Maranhão e Santa Quitéria; ao sul, com Buriti de Inácia Vaz; leste o Rio Parnaíba que separa Brejo do estado do Piauí e a oeste com a cidade de Anapurus.

Sua formação histórica, social e econômica tem abertura a partir do estabelecimento na região, de uma grande aldeia indígena, os Anapurus. Sobre a chegada desses povos originários, o IPHAN/MA, 2000, menciona que o primeiro registro desses indígenas, realizada pelos portugueses, data de 1954.

Segundo Lago, 1989, a cidade recebeu o nome “Brejo dos Anapurus”, “[...] em virtude da existência da grande aldeia de índios com essa denominação, de origem Tupi, cuja primeira notícia data de 1684” (Lago, 1989, p.17). Contudo, o relato sobre a história de Brejo, iniciou-se em 1679, com a colonização portuguesa baseada na exploração de recursos naturais existentes no território, no qual foi-se desenvolvendo sua história econômica na extração e exploração da fauna e flora, sobretudo na agricultura e pecuária. O desencadeamento da colonização de Brejo se firma com a chegada e fixação das primeiras levas de padres jesuítas que com o apoio da coroa iniciam o processo de catequização desses povos originários.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZ9qtK7Okjs/?igsh=b2l5Mm1tanN3ZHBh>

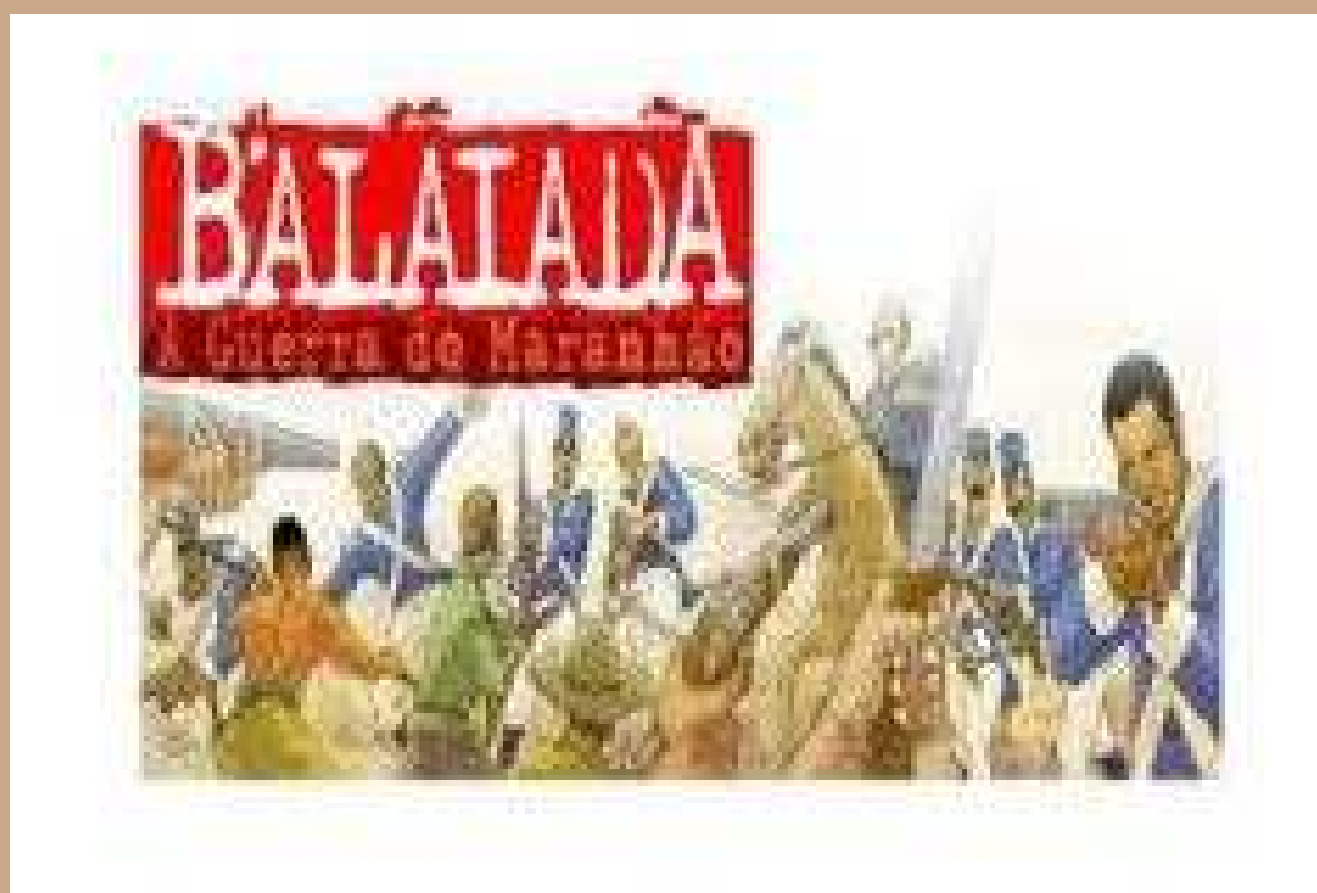
Brejo dos Anapurus, assim popularmente conhecida, passou para categoria de cidade através da Lei Provincial nº 899 no dia 11 de julho de 1970, legitimada pelo vice-presidente da província do Maranhão, José da Silva Maya. (Santos *et al.*, 2022, p. 13)

Atualmente, a cidade passa por um processo variado de atividades econômicas em diversos setores, dentre elas, a agricultura de subsistência, no qual produz arroz, farinha de mandioca, coco babaçu e feijão. Há destaque também na pecuária e no artesanato, dispõe também de estabelecimentos industriais de transformação, olaria e beneficiamento do arroz e do óleo extraído do coco babaçu e a expansão do agronegócio destinado à produção de soja. Em relação ao comércio, houve expansão em setores de prestação de serviços em lojas de gênero alimentício, lojas de roupa, supermercados, bares e restaurantes, lojas de materiais de construção, hotéis, etc.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CZ9qtK7Okjs/?igsh=b2l5Mm1tanN3ZHBh>

Historicamente, Brejo possui uma relevância significativa na historiografia maranhense, pois o território foi palco de acontecimentos históricos importante como por exemplo, as lutas que ocorreram na província do Maranhão em 1823, em prol do processo de independência do Brasil e como um dos locais onde aconteceram conflitos armados no contexto da guerra da **Balaiada** (1938-1941).



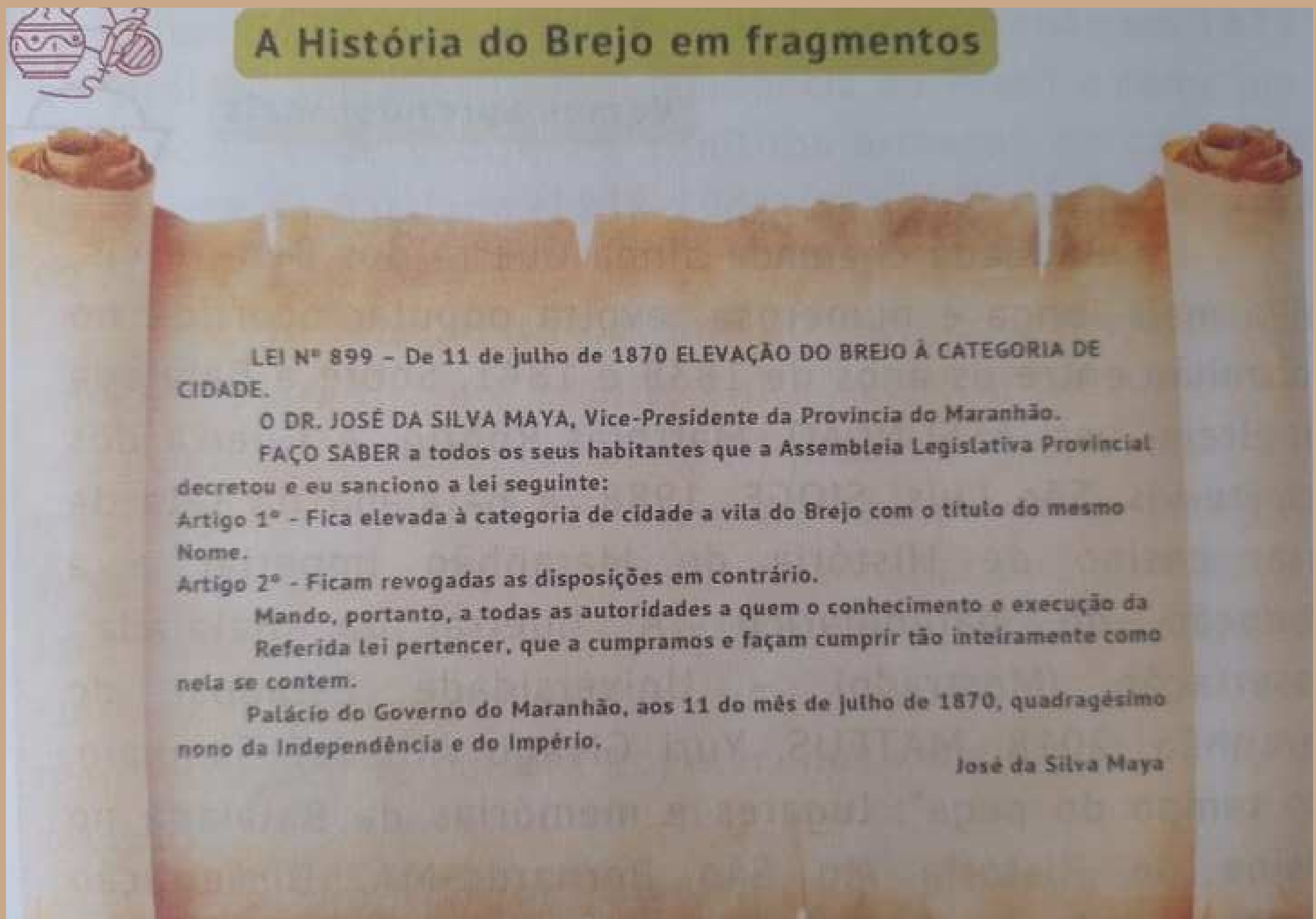
Fonte:

<https://i.pinimg.com/736x/98/e8/4f/98e84f4bf4ae50c1bdf46025a70492f5.jpg>

A Balaiada, também conhecida como Guerra dos Bem-ti-vis, foi a ,mais loga e numerosa revolta popular ocorrida no estado do Maranhão, por volta dos anos de 1838 e 1841. Para saber mais sobre a Balaiada ver: Assunção, Matthias Rohrig. A Guerra dos Bem-ti-vis. São Luís: SIOGE, 1998. A balaiada na sala de aula: ensino de História do Maranhão Imperial e a produção do paradidático “A guerra da Balaiada”. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Maranhão, 2028. Mateus, Yuri Gigavo Alhadeff Sampaio, dentre outros.

Apesar de seu variado patrimônio cultural e material, visto através de sua estrutura arquitetônica como os grandes casarões, igrejas, praças e monumentos que nos remete ao seu passado histórico, e também sua cultura imaterial, por meio dos rituais religiosos, festas populares, literatura, Brejo ainda carece de políticas públicas e educacionais que instigue a preservação de seus lugares de memória, de identidade e sociabilidade, no sentido de despertar um sentimento de pertencimento.

Nesse sentido, por meio da história dos nomes das ruas centrais de Brejo, vamos descobrir um pouco mais sobre sua formação histórica e como isso tem influência na identidade de seus cidadãos.



Fonte: Paradidático Educar Pela Cidade: Educação patrimonial como estratégia didático metodológica para o ensino de História em Brejo, MA Lima Júnior 2022, p.30



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CMNFM4BhAlx/?igsh=MTIncWptODV4ZmVrOA==>

A seguir, conheceremos um pouco a respeito de algumas ruas de Brejo e na sequencia de cada uma, as personalidades que nomeias estas ruas

RUA GONÇALVES DIAS (RUA DE SANTANA)

Esta rua, antes denominada rua de Santana, é o logradouro mais antigo e central da Urbe, pois é nele que se encontra os principais pontos comerciais, portanto é a maior rua em questões territoriais. De acordo com Macatrão, 2009, “ela é a espinha dorsal da cidade do Brejo, principal artéria de nossa comuna”. A população costuma se referir a ela como a “rua grande do comércio do Brandão, do Banco do Bradesco”.

Com base em dados obtidos por meio de entrevistas e por redes sociais, Santos, Carvalho, Ferreira,(2022, p.44) afirmam que em relação a memória dos cidadão sobre a rua está “vinculada dois aspectos importantes: o primeiro, a materialidade do espaço refletido nos casarões, em vista que a maioria dessas pessoas frequentou esse espaço social, seja na infância ou mocidade, ou pertence à família de seus respectivos donos”.

No decorrer o tempo as mudanças no espaço acompanham a memória social dos moradores, mesmo àqueles que já não residem mais na cidade, acabando por se tornar uma espécie de elo entre os moradores e as ruas. Tal contexto denota o quanto a visão dos cidadãos apresenta-se como uma espécie de resistência social; de identidade ressignificada com o lugar.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ca163hOkI/?igshid=ymMyMTA2M2Y=>. Acesso dia 08 de jun.2024



Fonte: <https://www.instagram.com/p/Ca163hOkI/?igshid=ymMyMTA2M2Y=>. Acesso dia 08 de jun.2024



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CS69AuCLprD/?igsh=Y2ltaGJ4Y2F1Mmt1>

Antônio Gonçalves Dias nascido em 10 de agosto de 1823, em Caxias Maranhão, filho do comerciante português João Manoel Gonçalves Dias e de uma mestiça Vicência Mendes Pereira. Em 1840 foi estudar Direito na Universidade de Coimbra (Portugal), formando-se advogado retornou ao Brasil em 1845, além de advogado, era jornalista, escritor, poeta, entre outros. Teve grande reconhecimento e notoriedade na literatura brasileira, além de ser considerado também um dos principais representantes do Romantismo, no século XIX.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/701928291914049135/>

Suas obras são marcadas pela representação e valorização do indígena e de sua cultura, e a natureza como características centrais do nacionalismo brasileiro, sua obra de grande conhecimento é o poema Canção do exílio (1843). Veio a falecer em 03 de novembro de 1864, quando possuía 41 anos de idade, vitimado por um naufrágio do navio Ville Boulogne, nas proximidades onde está localizado o município de Guimarães. (Dias, 1868).

RUA CORONEL ANTONIO MANOEL (Rua das Areias)

Esta rua, antes denominada de Bairro das Areias, devido a uma grande quantidade de areia em sua extensão, é reconhecida pelos seus habitantes como um espaço de passagem de muitas pessoas advindas de povoados do município. Santos, Carvalho, Ferreira,(2022) aponta que era nesta rua que funcionava o antigo hospital da cidade, no qual hoje dar lugar ao posto de saúde Coronel Antônio Manuel.

Trata-se também de um espaço comercial apesar dos cidadãos demonstrarem preocupação com os antigos casarões sendo destruídos com a ação do tempo e também para darem lugar a estabelecimentos comerciais e questões de infraestrutura como por exemplo o esgoto a céu aberto.

Vale destacar uma característica peculiar em uma das travessas que corta a rua que é o famoso “Beco do Periquito”, assim conhecido pois foi “exatamente nesse beco que os balaies, após matarem a portuguesa Euzébia Maria da Conceição, esquartejarem seu corpo e desfilar pela cidade com seus restos sendo carregados num gesto heroico, foi ali, no Beco do Periquito, que depositaram as suas partes íntimas, depois de muito andarem com partes de seu corpo pelas ruas da cidade de Brejo, exibido como um troféu carregado por eles”. (p.52). a respeito da nomeação da rua, poucos souberam falar sobre o Coronel Antônio Manuel e a motivação de dedicar a ele tal nomeação. Sendo que seus cidadãos só o reconhecem como o próprio nome já indica, “foi um coronel desta cidade”.



Coronel Antônio Manuel de Araújo Lima nasceu na Vila de Brejo, em 21 de abril de 1837, era filho de José de Araújo Lima e de Bernarda de Fernandes de Sousa, residiu em Pernambuco e Rio de Janeiro há algum tempo. Ao retornar a Brejo dedicou-se por alguns anos à profissão de comerciante e, posteriormente, à carreira política chegando a organizar um partido político sob sua orientação.

Em síntese, desempenhou na até então Vila de Brejo os cargos: Vereador, Intendente Municipal, Coletor Estadual (cerca de quarenta anos), Coletor Federal (por vinte anos), nos quais obteve um bom reconhecimento por seus serviços prestados até a velhice. Veio a falecer em 12 de março de 1921, no Piauí, em sua fazenda denominada Pequizeiro, seu velório ocorreu em Brejo, na Igreja de Santo Antônio (LAGO, 1989).

RUA DUQUE DE CAXIAS (MAGALHÃES DE ALMEIDA (TRAJETO DA RUA DO PORTO))

Legitimamente, a rua Magalhães de Almeida é uma espécie de continuação da rua Duque de Caxias, seus cidadãos a relacionam à antiga e popular rua do Porto, já que a rua dava acesso ao antigo Porto da Repartição, local por onde escoavam os principais produtos na região por meio do rio Parnaíba. Portanto foi um logradouro que teve muita importância socioeconômica na região.

De acordo com alguns cidadãos, a rua do Porto se torna importante, nessa perspectiva, como uma espécie de testemunho principal de abundância da localidade em contraposição a situação de decadência da cidade atualmente.

Rua do Porto/Rua Duque de Caxias





Fonte: Acervo Roque Pires Macatrão

Luís Alves de Lima e Silva (Duque de Caxias) nasceu em 25 de agosto de 1803, na fazenda de São Paulo, na até então província do Rio de Janeiro, era filho do Marechal de Campos Francisco de Lima e Silva e de Mariana Cândida de Oliveira Belo, seguiu a carreira militar no Brasil e de forma sempre ascendente foi ocupando diversos cargos importantes no exército. Reprimiu de forma estratégica diversas ações contrárias ao império, a exemplo, sua participação na Bahia lutando contra as tropas portuguesas que se recusaram em reconhecer a independência do Brasil, bem como nas revoltas populares que se sucederam em diversas províncias, na época do império, citando a Balaiada (1838/1841), revolta popular ocorrida no Maranhão e estendeu-se ao Ceará e Piauí. Em 1862 foi promovido a Marechal e em 1869, recebeu o título de Duque, veio a falecer na Fazenda Santa Mônica, estação de Desengano, hoje Ji-Paraná, Rio de Janeiro, no dia 7 de maio de 1880. O dia do seu nascimento foi consagrado ao dia do soldado brasileiro, além de ser reconhecido como o patrono do exército brasileiro.



Fonte: www.Sohistória.com Acesso em 09 de junho de 2024

José Maria Magalhães de Almeida, nasceu em Codó, estado do Maranhão, no dia 28 de julho de 1883, filho de Henrique Guilhon de Almeida e de Zulina Magalhães de Almeida e foi casado com Virgínia Araújo Magalhães de Almeida. Estudou nos colégios Coqueiro e Machado e, depois, no Liceu Maranhense, de São Luís, ingressando na Escola Naval, no Rio de Janeiro, em 1899. Promovido a guarda-marinha ao concluir o curso naquele estabelecimento em 1903, ascendeu no ano seguinte ao posto de segundo-tenente, participou também de missões no Chile, Argentina e Uruguai, promoveu-se a primeiro-tenente em 1910. Em síntese, ele teve um importante destaque na carreira militar e também na política maranhense. Ele faleceu no Rio de Janeiro no dia 4 de outubro de 1945

TRAVESSA CEL. ANTÔNIO GUILHERME (Rua do Mercado)

Trata-se de uma rua comercial, onde dá início na Câmara Municipal da cidade e limita-se com a rua da Indústria, ambas conhecidas como rua do Mercado. Essa travessa é conhecida como um espaço de vendas, pois lá situam o mercado público, restaurantes, supermercados e oficinas. A travessa antes conhecida como travessa da Indústria, pois de fato havia uma indústria que produzia sabão e óleo, que por sua vez foi destruída por uma explosão. “Quanto a denominação oficial, observamos que não há uma memória que exalte o coronel ou que faça menção a antiga indústria.

Todavia, a memória dos cidadãos se constitui, exclusivamente, do espaço comercial, rua do Mercado, onde a população realiza sua feira semanal, principalmente aos dias de sábado”. Santos, Carvalho, Ferreira, (2022, p.55).



Fonte: Brejo Nostalgia: disponível em:(4) Nostalgia Brejo-Ma
| Facebook



Fonte: Santos, *et al.*, 2022)



Antônio Guilherme de Melo que nasceu em 13 de junho de 1868, no Ceará, transferindo-se para Brejo. Dedicou-se ao comércio, à indústria e à pecuária, tornando-se, assim, proprietário de grandes bens. Desta forma, obteve grande domínio econômico e político por essas terras, sendo eleito comandante da cidade, veio a óbito em 19 de março de 1938 (LAGO, 1989, p. 249).



Fonte: Acervo da Câmara Municipal de Brejo

AVENIDA RAUL DE FREITAS (RUA DA FEIRA)

Rua popularmente conhecida como rua da Feira, pois abriga aos sábados, uma feira livre, no qual diversos trabalhadores autônomos se instalam para venda de produtos que vão desde o vestuário, calçados, como artigos de cama, mesa e banho. É um espaço que possui muitas casas residenciais e comerciais e o Jardim de Infância, nela também encontramos o prédio da igreja protestante Assembleia de Deus. A referida rua é cortada pelo riacho denominado de Igarana, por esse motivo, alguns citadinos ao serem questionados sobre a possibilidade de renomear, insinuam que ela deveria se chamar rua da Igarana.



fonte: <https://www.instagram.com/brejomeuamor?igsh=MXd5d2Yzdng1Znjxaw==>

Fonte: <https://www.facebook.nostalgiabrejo/photos.com.br/>



Raul Martins de Freitas que foi poeta e rábula , pertenceu à Academia Maranhense de Letras - casou-se com Zita Martins de Freitas. Faleceu em São Luís do Maranhão (PORTELA, P/D).



Fonte: LAGO, Aderson de Carvalho. Brejo, aldeia dos Muypurás. São Luís; SIOGE, 1989.

AVENIDA ALEXANDRA TAVARES

A Avenida Alexandra Tavares é umas das principais vias de acesso à cidade. E está situada entre a Avenida Agenor de Moraes, iniciando próximo a um posto de combustível, até a Avenida Sabino Câmara. É nesta rua que encontramos o monumento em homenagem aos indígenas Pianaçu e Ubotyatá, que foram os primeiros indígenas a chegarem por essas terras, se tornando, portanto, o cartão postal da cidade, assim como carrega uma memória histórica muito importante para a história da cidade.



Fonte: Disponível na revista Brejo em revista. Ano I.Nº1.Junho/2003.p.27



Fonte: <https://www.instagram.com/brejomeuamor?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Alexandra Miguel Cruz Tavares, natural da cidade de Satélite do Gama-DF, exercia a profissão de aeromoça até casar-se com José Reinaldo Tavares, que já exerceu posto de vice-governador e governador do Maranhão (2002-2006). Alexandra formou-se em direito e, no posto de primeira dama, assumiu a área social do governo do marido, à frente da secretaria extraordinária de solidariedade e uma do comitê de política orçamentária. A união do casal durou 13 anos e tiveram três filhas.



Alan Marques - 03.fev.2006/Folha Imagem

Fonte:

<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2305200710.htm>

RUA JOÃO MARINHO BACELAR (Rua do Seminário)

A rua João Marinho Bacelar, trata-se de uma viela com infraestrutura razoável, visto que carece de rua pavimentada e uma boa iluminação, vai de encontro a principal rua da cidade (Gonçalves Dias) e a avenida Sabino Câmara, é uma rua relativamente pequena, contudo há uma movimentação comercial que inclui posto de combustível, hortifrute e salão de beleza. Possui algumas casas residenciais e assim que surgiu, havia um prédio conhecido como o Seminário, no qual funcionou como um local provisório que distribuía alimentos para pessoas carentes e era dirigido por um religioso chamado Dom Afonso.

Por esse motivo até os dias atuais é conhecida popularmente como Rua do Seminário. Cláudia Maria Martins Ferreira, moradora desta rua, em entrevista concedida à Miranda, Carvalho, Ferreira, (2022, p.62), relata que se pudesse renomear a rua “faria uma homenagem ao religioso, nomeando a rua como Dom Afonso”.



Fonte: Santos, et al, 2022



Fonte: Santos, et al, 2022

Casarão do seminário



Fonte: Santos, et al, 2022

João Marinho Bacelar nasceu em Manaus, estado do Amazonas, vindo a se estabelecer em Brejo, dedicou-se ao comércio e seguiu posteriormente à carreira política, chegando a ser vice-prefeito e prefeito de Brejo (Portela, S/D).

RUA DR. MOACIR COIMBRA (Morro do Manoel Fotógrafo)

Tem sua localização ao lado direito do cemitério paroquial da cidade, é uma rua com subidas e descidas, com muitas casas residenciais e alguns comércios de pequena escala, nela também encontramos o Cartório do 1º Ofício, nesta rua morou um dos primeiros fotógrafos do município, fazendo com que os citadinos a chamem costumeiramente de Morro do Manoel Fotógrafo.



Fonte: Santos, *et al*, 2022

Dr. Moacir Coimbra Pereira é natural de Colinas, Maranhão, formado em medicina na cidade do Rio de Janeiro na década de 70, veio trabalhar no Maranhão, escolhendo a cidade de Brejo para dedicar-se diuturnamente a sua profissão, salvando vidas e curando enfermidades por mais de 20 anos. Paralelo a sua trajetória profissional, que dedicava com muito amor e carinho, foi esposo e pai de família dedicado, amoroso, responsável, como também fora católico praticante, onde sempre foi querido e amado por todos que o cercavam. Dr. Moacir foi agraciado por este poder legislativo com “TÍTULO DE CIDADÃO BREJENSE” em 1988, por já ser reconhecido naquela época como um grande BENFEITOR do povo brejense.



Fonte: Acervo do Hospital Municipal Dr. Antenor Vieira de Moraes

RUA MONSENHOR PEDRO SANTOS (Rua da Estrada Nova)

Trata-se de uma rua também comercial, com muitas casas residenciais e com uma boa infraestrutura. Apesar de atualmente ser denominada de Monsenhor Pedro Santos, a rua antes era denominada Rua da Estrada Nova, tendo em vista que os moradores tem sua própria forma de relacionar com a rua por meio de suas experiências, em face disso, “a nomeação Estrada Nova seria por conta da nova abertura da estrada, que daria acesso ao povoado Repartição, em contraposição a atual renomeação religiosa, que teve importância na propagação da fé católica em Brejo.” (p.59)

Sobre a nomeação atual da rua e em consonância com a lei municipal nº 637/2010, que consta em 30 de agosto de 2010, foi aprovado pela Câmara Municipal de Brejo -MA e sancionado pelo prefeito municipal de Brejo, por meio do então prefeito José Farias de Castro, através do artigo 1º fica determinado que a rua que hoje conhecemos como “Estrada Nova”, nesta cidade receberá o nome de “Monsenhor Pedro Santos” (Brejo, 2010).



Fonte: <https://www.instagram.com/brejomeuamor?igshid=YmMyMTA2M2Y=>

Em relação a justificativa quanto a escolha do nome do logradouro, enfatiza que: Monsenhor Pedro Santos, nascido no dia 15 de agosto de 1913, filho de Mariano Rodrigues dos Santos e Teresa Cunha dos Santos, faleceu no dia 30 de junho de 2000, tendo dedicado quase toda a sua vida ao sacerdócio, evangelizando os paroquianos de Brejo, Anapurus, Mata Roma e Urbano Santos. Foi o idealizador da construção da catedral de Nossa Senhora da Conceição, a qual acabou com a demolição da antiga igreja da Matriz.

Desenvolvendo seu lado mais humanista, voltado para as causas sociais, em 1966 criou as SAB's (Serviço de Assistência aos Bairros), cujo propósito era atender a população mais carente com a doação de alimentos e vestimentas advindas da CÁRITAS. Foi nesse sentido que se pensou em denominar de rua monsenhor Pedro Santos, a rua que conhecemos como Estrada Nova. Pessoa de conduta ilibada em nossa sociedade, de um imenso coração, repleto de bondade e solidariedade, profundo conhecedor das angústias do nosso povo carente.



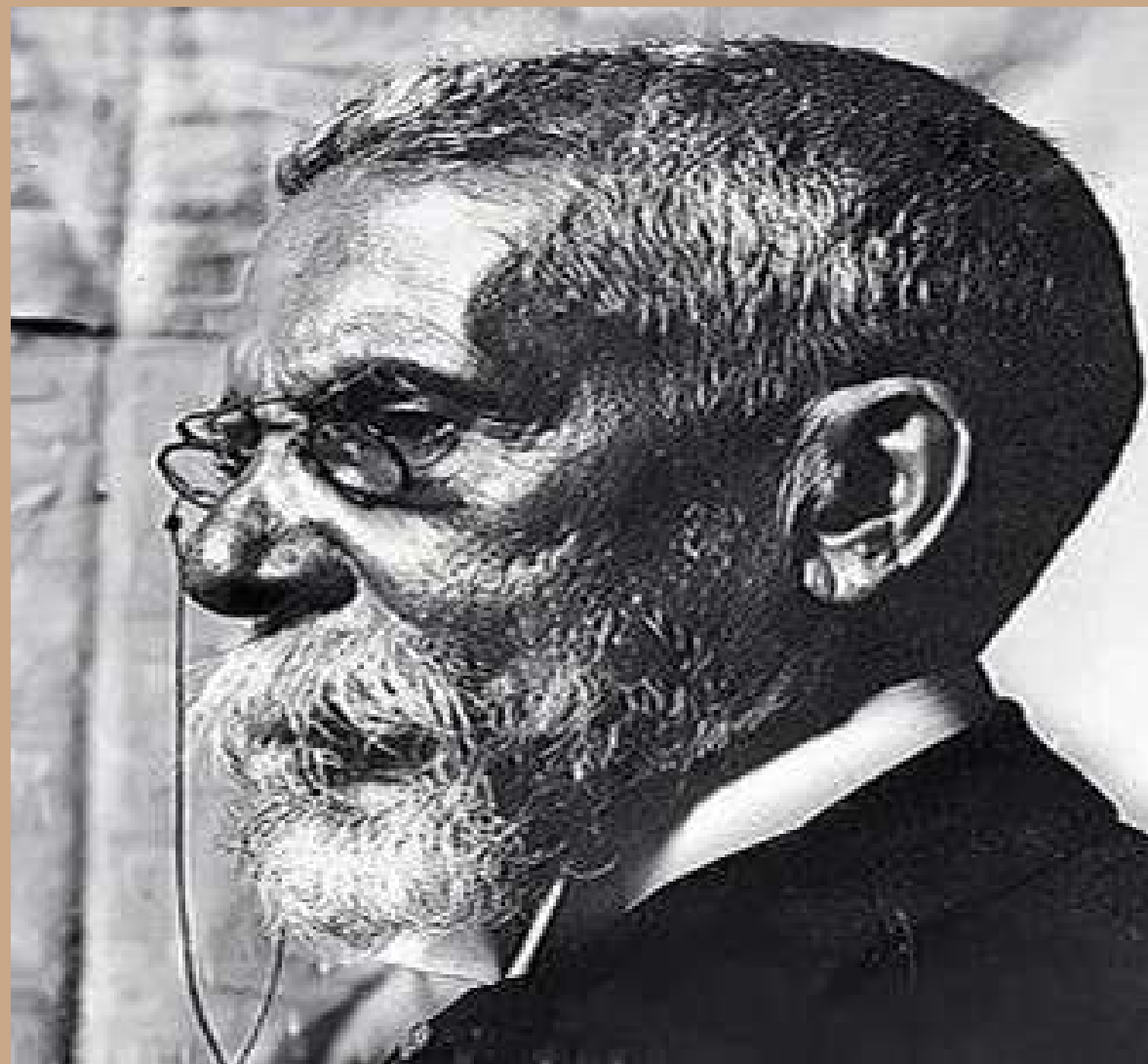
Fonte: Acervo Roque Pires Macatrão

RUA MACHADO DE ASSIS (Rua da Cadeia)

Em relação a esta rua, que é nomeada com um personagem bastante conhecido a nível nacional, assim como ocorreu em outras ruas, muitos cidadãos não sabem identificar de quem se trata. É uma rua extensa, possuindo muitas casas residenciais, assim como comércios pequenos. Ela se destaca devido à localização da cadeia municipal, por este motivo, muitos acabam se referindo à ela como Rua da Cadeia.



Joaquim Maria Machado de Assis, mais conhecido como Machado de Assis, é um dos maiores escritores da língua portuguesa de todos os tempos. Nasceu em 21 de junho de 1839, no Rio de Janeiro. Pobre, descendente de escravos, gago e epilético, saiu de casa aos 16 anos quando começou a trabalhar em jornais na capital carioca como aprendiz de tipógrafo.



Fonte: <https://pin.it/6qRaWVO>

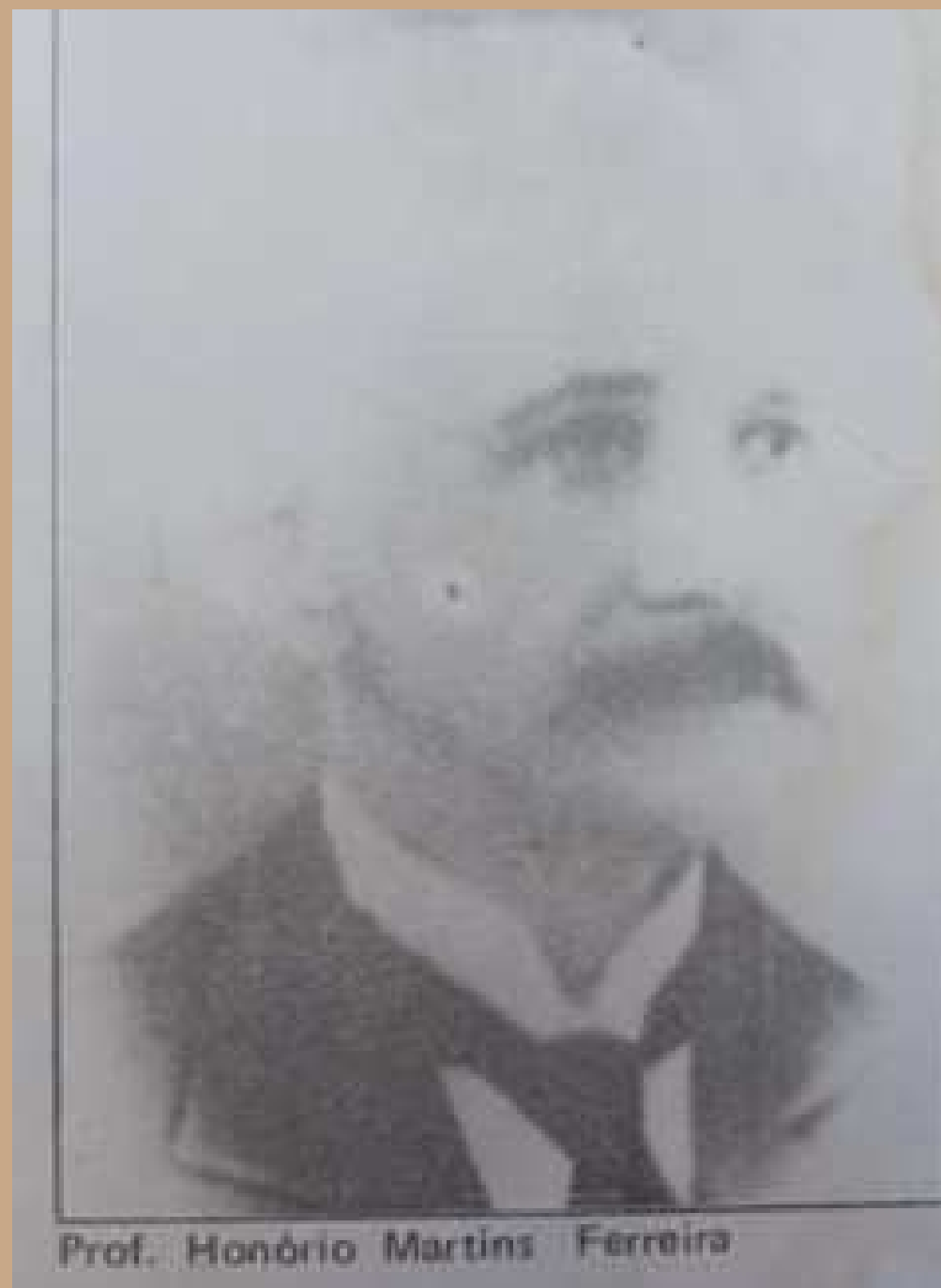
RUA PROFESSOR HONÓRIO MARTINS

Como o próprio nome sugere, essa denominação é uma grande homenagem a um professor muito querido, o professor Honório Martins, que se trata de um dos primeiros professores da cidade, e por ter sido nela, construía a primeira escola que faz menção ao mesmo professor. Ressalta-se ainda que neste espaço funcionava uma escolade nível infantil (Menino Jesus).



Fonte: Santos, et al, 2022

Honório Martins Ferreira nasceu em Brejo no ano de 1857, filho do Dr. José Martins Ferreira e Carlota de Carvalho Martins Ferreira, em sua mocidade sempre se dedicou ao ensino primário, fundando um importante colégio para os jovens brejenses e de municípios vizinhos, como do estado do Piauí. O professor Honório Martins era especialista na língua portuguesa, matemática e geografia, mas foi submetido a um exame de suficiência em São Luís, diante de uma comissão de especialistas do Liceu Maranhense, no entanto, foi aprovado com louvor recebendo o título de grande mestre. Além de grande educador, Honório Martins foi membro da Junta Governativa Municipal de Brejo, em 1930, vindo a falecer em 03 de abril de 1933.



Fonte: LAGO, Aderson de Carvalho.
Brejo, aldeia dos Muypurás. São Luís;
SIOGE, 1989

AVENIDA SABINO CÂMARA (Corredor da Folia)

Popularmente conhecida como Corredor da Folia, visto que se trata de um local onde ocorrem as festividades da cidade, se tornando assim, um espaço de diversão, interação e sociabilidade. A Avenida Sabino Câmara se limita à Rua da Estrada Nova e Avenida Alexandra Tavares, sendo que é composta por supermercados, hortifrúti, bancos, lojas, entre outros. Foi na rotatória deste espaço público que se inaugurou um busto em homenagem a Cândido Mendes de Almeida.

Em razão dessa realidade, compreendemos que o processo de nomeação das ruas de Brejo se mantém relacionado com a história local, regional e nacional, nos levando a entender a rua como um espaço que pode revelar memórias e significados através de suas denominações.



Fonte: <https://www.instagram.com/brejomeuamor??igshid=YmMyMTA2M2Y/> Acesso em 09 de jun.2024

Fonte: blogdowilian.com.br. Acesso em 09 de jun.2024

Infelizmente, não foram encontrados nenhum documento ou quaisquer outras fontes a respeito da personalidade que dá nome a esta rua.

AVENIDA LUÍS DOMINGUES (Rua Da Prefeitura)

Atualmente é uma das principais vias comerciais de Brejo, além de abrigar a sede da prefeitura e o Fórum Municipal, também encontramos nela o Farol do Saber e o Correio da cidade.



Fonte: <https://www.instagram.com/p/CCXIJ5eBEJ4/?igshid=YmMyMTA2M2Y=> acesso em 08 de jun.2024.

Fonte: Brejo Muypurás



Luís Antônio Domingues da Silva nasceu na cidade de Turiaçu, estado do Maranhão, no dia 11 de junho de 1862, filho de Francisco Domingues da Silva e de Antônia de Oliveira Domingues da Silva. Seu avô paterno, homônimo de seu pai, foi ministro do Supremo Tribunal de Justiça durante o Império. Seu tio foi o barão de Tromaí e seu irmão, José Domingues da Silva, foi presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão. Formou-se em direito em 1883, na faculdade em Recife, ainda estudante iniciou-se na política sob a influência do Barão de Tromaí, defendendo a causa abolicionista e trabalhando como redator de periódicos. A partir de 1886 a 1889 teve início a sua vida política, chegando à presidência da Assembleia Provincial. Foi eleito presidente do estado como candidato único e, em 1º de março de 1910, recebeu o governo das mãos do interino Frederico de Sá Filgueiras. Encerrou seu governo em 1º de março de 1914, quando teve início o de Herculano Nina Parga. Depois de ter sido presidente do estado, foi novamente eleito deputado federal pelo Maranhão em 1915, e sucessivamente reeleito até a legislatura 1921-1923. Faleceu na cidade de São Luís no dia 11 de julho de 1922. Foi casado com Aureliana de Viveiros Coqueiro, filha de João Antônio Coqueiro, diretor do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, entre os anos de 1901 e 1905.

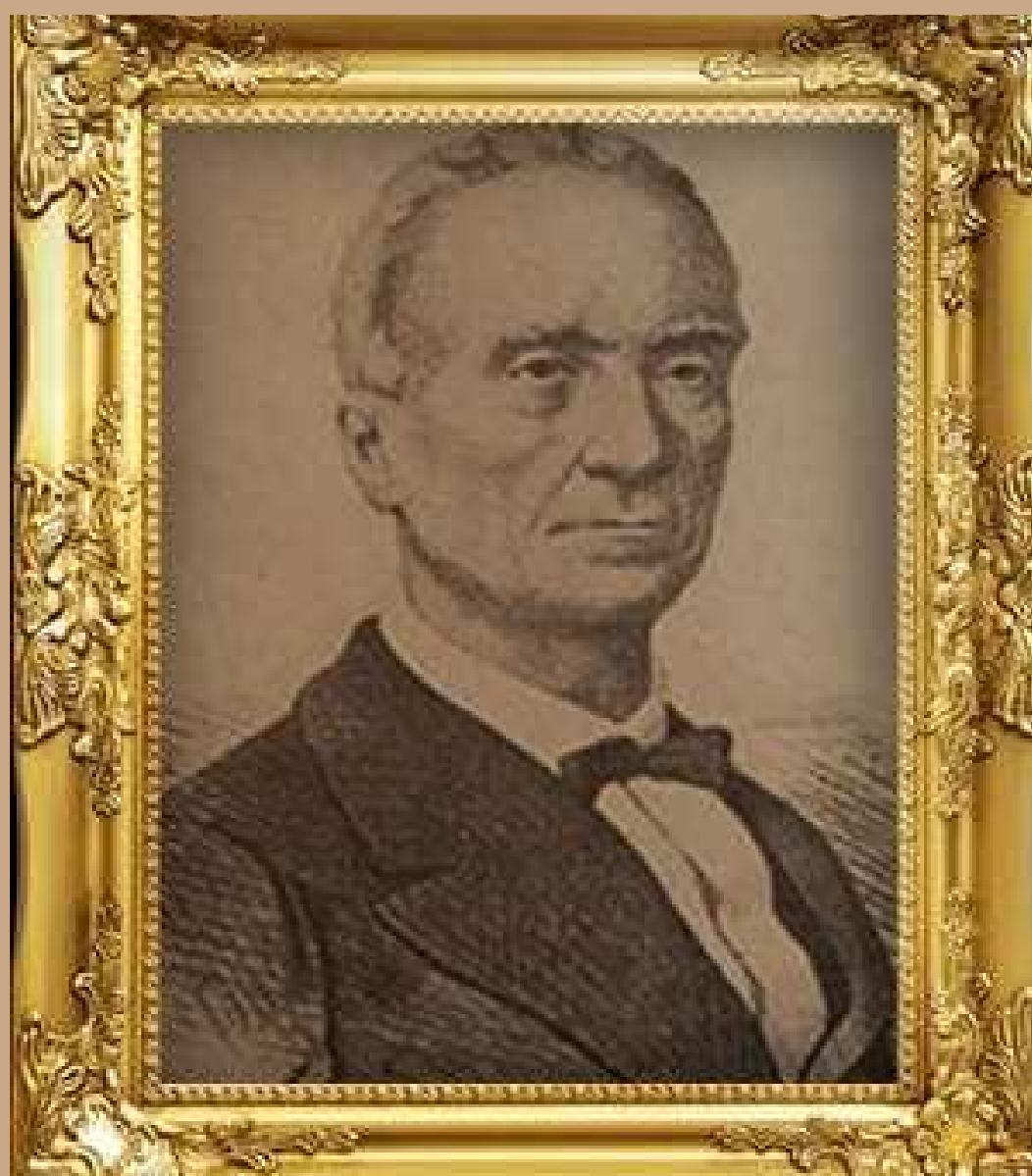
RUA CÂNDIDO MENDES

Essa rua está localizada no centro da cidade, tendo início na Praça Matriz e limitase com o bairro Escalvado. É constituída por várias residências e estabelecimentos comerciais, tais como oficinas, lojas, comércios e posto de gasolina. Se trata de uma pequena rua e leva essa denominação em memória ao advogado jurista da cidade de Brejo, Cândido Mendes de Almeida.



Fonte: registro feito pela autora

Cândido Mendes de Almeida, filho de Fernando Mendes de Almeida e Esméria Alves de Sousa, nasceu em 14 de outubro de 1818 na cidade de Brejo-Ma, e veio a óbito no Rio de Janeiro, no dia 01 de março de 1881, aos 63 anos. Constituiu carreira como político, professor, jornalista e advogado. Estabeleceu-se por cinco vezes como deputado federal, renunciando a esse cargo para ocupar o de Senador do Império do Brasil (1871-1881), pelo estado do Maranhão. Formou-se na faculdade de Direito de Olinda em 1839, aos 21 anos, foi fundador de dois jornais maranhenses: o Brado de Caxias e o Observador, Cândido casou-se com Rosalina Ribeiro Campos, com quem teve dois filhos, Cândido Mendes também foi escritor.



Fonte: <https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=%2fzxPrCVc&id=A4D9574D24479D5AC0FDEF0CA4B95534BF4AD859&thid=OIP. zxPrCVcnBIIPiYatGDCBQAAAA&mediaurl=https%3a%2f%2facademiamaranhense.org.br%2fwp-content%2fuploads%2f2022%2f10%2fCandido-Mendes.>

Como vimos anteriormente, os homenageados que dão nomes as principais ruas de Brejo são políticos tanto a nível local, regional, como nacional, neste caso, coronéis, militares, personalidades que atuaram na educação, seja como professores, escritores, poetas, jornalistas, advogados, comerciantes, religiosos e médicos. Enfim, trata-se de sujeitos que pertencem a grupos privilegiados socialmente e que se destacaram em determinado momento ou contexto na cidade, estado ou no país. Sendo que em sua maioria são homens, relegando ao esquecimento outros grupos, tais como mulheres, negros e indígenas naturais da terra.



CAPÍTULO 2

2. HISTÓRIAS QUE SE CONECTAM: História Local e História Nacional entre as ruas de Brejo.

Neste capítulo vamos aprofundar nossos conhecimentos sobre a nomeação das ruas de Brejo. Porém, neste caso, vamos entender como podemos aprender história de outras formas. Nesse sentido, não se trata apenas de narrar sobre como uma dada rua surgiu e porque assim foi intitulada com o nome de um dado personagem, mas, antes de tudo, trazer esse personagem à tona, relacionando-os ao conteúdo trabalhado em capítulos da História ensinada na Educação Básica.



Neste aspecto, é importante lembrar que o local é o primeiro espaço no qual o ser humano vive e atua, sendo assim, o ensino da História Local precisa representar também essa proposta de proporcionar uma reflexão constante acerca das ações dos que ali vivem como sujeitos históricos. Trabalhar com o ensino de história local não é trocar o ensino da História geral e do Brasil, mas se trata de um aperfeiçoamento da História, de saber que cada localidade possui sua história e que ela deve ser transmitida.

Assim, saber que a sua realidade histórica está inserida no mundo e não isolada deste traz todo um significado de pertencimento e valorização das múltiplas identidades culturais e sociais as quais estão expostos, respeitando-as. Portanto, quando discutimos sobre as questões locais é essencial para que entendamos melhor as relações que existem entre sua região e o restante do planeta, porque esta consciência nos ajuda a analisar historicamente os acontecimentos, nos possibilita uma visão analítica sobre os fatos de nossas vidas, auxiliando para uma mudança de comportamento em relação à nossa própria vida.

Para Santos (2015, p.25), não existe uma fórmula, mas uma forma de deixar o ensino de História mais interessante é aprender sobre “temáticas que nos fazem refletir e associar o dia-a-dia com os conteúdos escolares, e assim os conteúdos tornam-se mais compreensíveis”.

2.1 Releitura dos nomes das ruas a partir de temas de conteúdos dos livros didáticos da História do Brasil e do Maranhão

Sabia que podemos relacionar alguns personagens que dão nome as ruas de nossa cidade a conteúdos trabalhados nos livros didáticos e na literatura brasileira? vejamos alguns deles!

Assim que, possivelmente, ao se tratar de **Gonçalves Dias** seja possível refletir tanto sobre história local quanto sobre o “romantismo brasileiro”, no âmbito da História do Brasil, inclusive numa perspectiva interdisciplinar. A análise da poesia do escritor maranhense apresenta grande relevância, pois permite um estudo abrangente a respeito da história e da identidade cultural brasileira, já que as obras de Gonçalves Dias fazem parte do Romantismo Brasileiro, uma corrente literária que surgiu poucos anos após a independência política do país, que ocorreu em 1822. Assim, o nacionalismo é uma das principais características dos poemas de Gonçalves Dias.

Gonçalves Dias, uma figura muito importante do movimento literário Romântico, é lembrado por suas contribuições à literatura indianista, revolucionando o cenário literário ao retratar os sentimentos e a percepção dos povos indígenas diante das tensões com os europeus. Além de explorar as questões indígenas e suas preocupações, as obras do autor também nos proporcionam uma visão do contexto político, social, econômico e até mesmo das dinâmicas familiares e afetivas do Brasil, sobretudo na província maranhense, durante o século XIX.

Podemos analisar o indígena pelo olhar de Gonçalves Dias por meio das obras “Primeiros Cantos” (1847) e “ Segundos Cantos” (1848), especialmente no final do poema “Tabira” que expressa a seguinte estrofe:

“Este conto que índios contavam, /A desoras, na triste senzala; / Outros homens ali descan-savam, / Negra pel’; mas escravos também. / Não choravam, somente na fala / Era um quê da tristeza que mora / Dentro d’alma do homem que chora / O passado e o presente que tem!.” (DIAS, 2000, p.240)

Nessa estrofe, o autor constrói um elo entre passado e o presente. O passado dos conflitos coloniais, os quais ocupam volumosa parte da narrativa do poema e que desemboca em um presente desastroso: os indígenas juntamente com os africanos escravizados. O indígena, imagem capital da poesia gonçalvina, pode ser interpretado como uma representação, conceito que o historiador Roger Chartier (2002, p. 19-20) definiu duplamente enquanto forma de exibição de algo ausente e demonstração de uma presença.

Toma-se, portanto, a representação como ferramenta para tradução das posições e interesses dos indivíduos perante a sociedade, a qual é redesenhada aos moldes de suas concepções internalizadas ou como seus desejos os impelem. E Uma vez que “as percepções do social não são de forma alguma discursos neutros” (CHARTIER, 2002, p. 17), a representação do indígena arquitetada por Gonçalves Dias certamente traz em seu cerne classificações, parcialidades, objetivos pessoais, intenções políticas, entre tantas outras categorias de influência possíveis.

A despeito de não ser o primeiro na literatura brasileira a tomar o autóctone como inspiração poética o poeta maranhense investiu em sua representação o simbolismo da nacionalidade e da independência. Vislumbrando no indígena elevado símbolo da singularidade brasileira, Gonçalves Dias tomou por incumbência arquitetar uma representação vigorosa e concreta, com o intuito de inspirar um sentimento nativista de pertencimento. Por esse prisma, compreende-se seu nativo frequentemente relacionado à guerra, sempre lutando ou em demonstrações de força.

Logo em sua primeira aparição nas “Poesias americanas” dos “Primeiros Cantos”, o indígena expõe seu teor belicoso em “O canto do guerreiro”.

Nesse poema, o poeta outorga voz ao indígena, pois o eu-lírico é o próprio guerreiro, que nos primeiros versos adverte

– *“Façanhas de bravos / Não geram escravos, / Que estimem a vida / Sem guerra e lidar”* (DIAS, 2000, p. 6-7) – alude-se ao conflito colonial, no qual os estrangeiros tentavam escravizar as populações nativas; mas, sobretudo, à capacidade de resistência desses povos, que não se deixam ser subjugados sem combate.

No entanto, o duelo não se limitava aos indígenas e colonizadores presentes na obra poética. Paralelamente, Gonçalves Dias travava uma batalha contra os padrões literários lusitanos, que se faz clara no desprezo à unidade métrica, além da celebração às temáticas nativas em detrimento das greco-latinas, marcantes na poesia lusa. No prólogo dos “Primeiros Cantos”, anuncia: “[...] menosprezo regras de mera convenção; adotei todos os ritmos da metrificação portuguesa, e usei deles como me pareceram enquadrar melhor com o que eu pretendia exprimir.” (DIAS, 2000, p. 3). As raízes dessa oposição eram mais profundas que o paradigma romântico da expressão acima da forma. Seu projeto pessoal era se tornar a maior figura da literatura brasileira.



Há também o caso de Luís Alves de Lima e Silva (1803-1880), **(Duque de Caxias)**, cujo nome intitula uma das principais ruas de Brejo e que trabalhou no Exército Brasileiro. Em sua biografia, destaca-se a repressão a diversas ações contrárias ao império, a exemplo de sua participação na Bahia lutando contra as tropas portuguesas que se recusaram a reconhecer a independência do Brasil, bem como nas revoltas populares que se sucederam em diversas províncias, na época do império, a exemplo da Balaiada (1838/1841), no Maranhão.

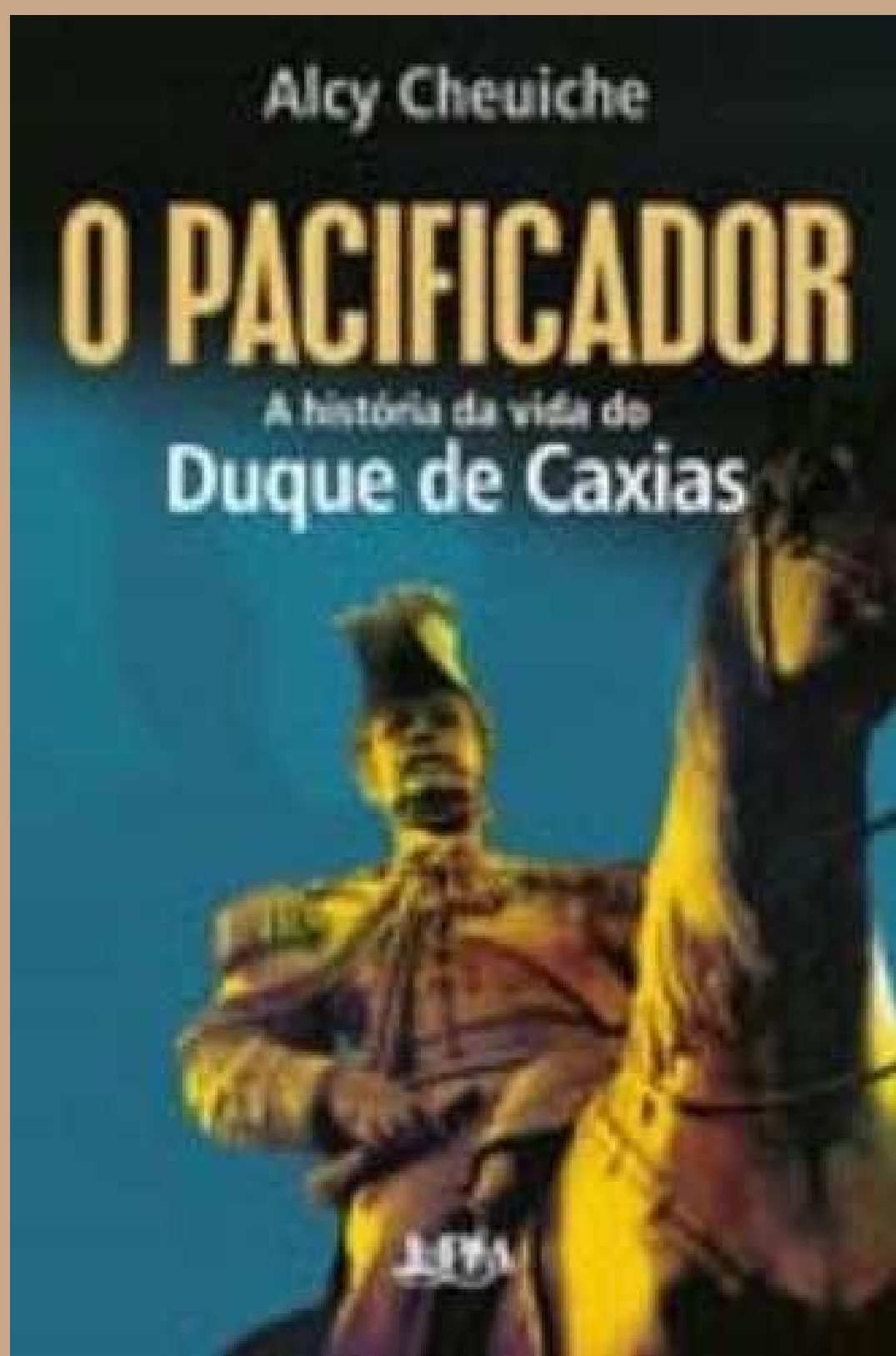
Portanto títulos de marechal e duque vieram depois das atuações na Guerra da Cisplatina (1825-1828), na Balaiada (1838-1841), na Revolução Farroupilha (1835-1845), na Guerra do Paraguai (1864-1870) e contra movimentos de independência em Minas Gerais, São Paulo e na Bahia.

Neste caso, Podemos analisar a história de Duque de Caxias no contexto da Revolução Farroupilha, quando este buscou ações pacificadoras. A Guerra dos Farrapos, também conhecida como Revolução Farroupilha, foi motivada, principalmente, pela insatisfação dos estancieiros e charqueadores gaúchos com os altos impostos cobrados pelo governo imperial.

Ela ganhou destaque pelo maior tempo de duração (10 anos), e, além disso, foi uma das que apresentaram maior ameaça à integridade territorial brasileira. A Guerra dos Farrapos aconteceu, principalmente, por causa da insatisfação dos estancieiros gaúchos com a política fiscal do governo brasileiro. No século XIX, a província do Rio Grande do Sul tinha como principal produto o charque (carne-seca), que era vendido como principal alimentação dos escravos no Sudeste e Nordeste do Brasil.



Nesse contexto, para conter a revolta na província do Rio Grande do Sul, o governo brasileiro nomeou Luís Alves de Lima e Silva, o Barão de Caxias (futuro Duque de Caxias). A ação de Caxias à frente de 12 mil homens foi muito eficiente, pois conseguiu sufocar os farrapos com ações militares estratégicas e, com a diplomacia, levá-los à negociação."



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/67976275670390031/>



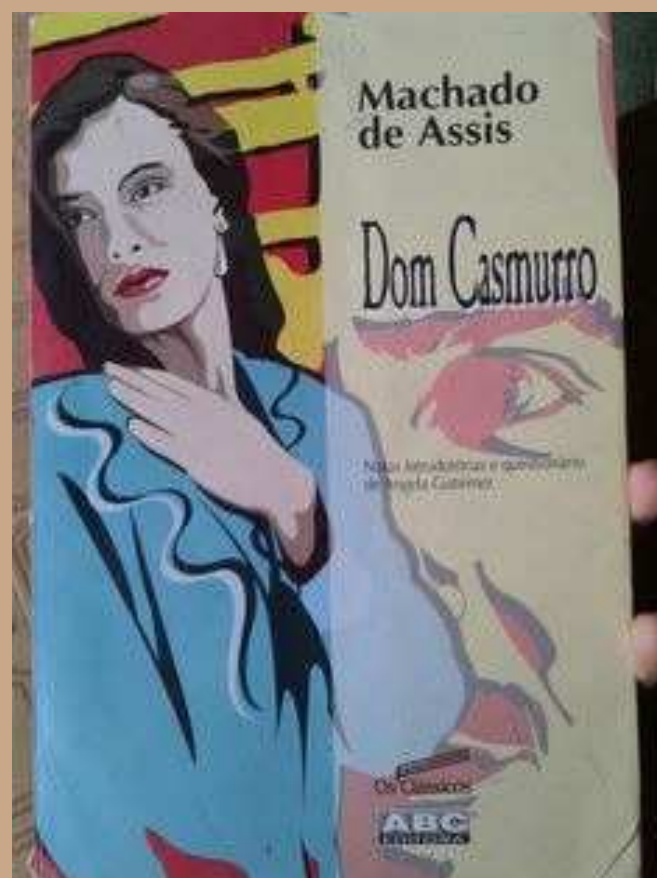
Para aprender mais...

Veja mais sobre a "*Guerra dos Farrapos*" em:

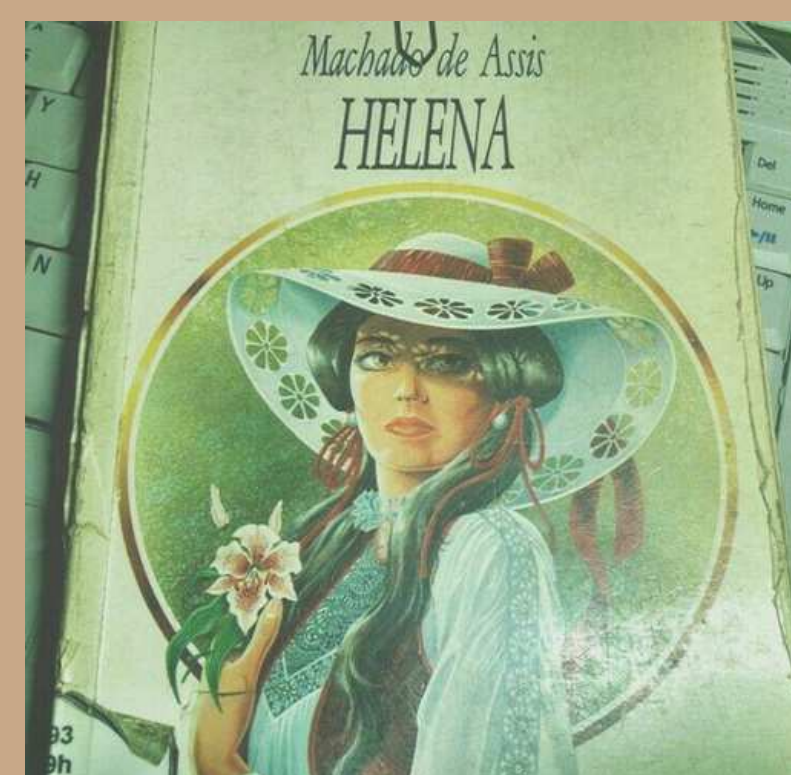
<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/revolucao-farroupilha.htm>

A releitura da nomeação da rua de nome **Machado de Assis**, evidentemente, é uma grande oportunidade para abordar sobre o Brasil e sua história desde as ruas de uma cidade do interior do Maranhão e inclusive a partir da questão de gênero, afinal, não por acaso, Machado teria duas personagens mulheres essenciais em sua obra: Helena e Capitu. Como nos ensina Sidney Chalhoub, Machado de Assis é historiador, no sentido de que suas obras são sempre interpretações de um tempo passado: Machado teria sido mestre nos meandros e expositor arguto da tecnologia da dominação característica do século XVIII, políticas de dominação classificáveis como paternalistas, cuja característica comum – presente nas estratégias de subordinação de escravos e de pessoas livres dependentes – seria a imagem da inviolabilidade da vontade senhorial. Portanto para o autor, o texto literário não é neutro, ele “[...] busca a realidade, interpreta e enuncia verdades sobre a sociedade, sem que para isso deva ser a transparência ou o espelho da ‘matéria’ social que representa e sobre a qual interfere.” (CHALHOUB, 2003. p. 92). Seguindo este pensamento acreditamos que a literatura seja uma potente ferramenta para o ensino de História, buscando pensar o tema abolição no Brasil a escolha literária recaiu sobre Machado de Assis, autor brasileiro, negro e politicamente ativo com a causa abolicionista.

Seus textos abordam, muitas vezes de forma indireta, as questões relacionadas ao fim da escravidão, nos mostrando que ela foi um sistema político, social, econômico e ideológico que permitiu que o poder privado, dos senhores, fosse maior que o poder público durante muitas décadas.



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/418201515375227520/>



Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/418201515375227520/>

Segundo o historiador Marcus Vinícius da Rocha Ribeiro, 2022,

O uso da literatura machadiana como fonte de pesquisa no ensino de História fornece ao aluno uma nova visão sobre o passado, promovendo um alargamento do seu horizonte cultural, crítico e reflexivo. Abordar os negros a partir das narrativas ficcionais possibilita trazer para a sala de aula uma diversidade não apenas cultural, mas étnica, mostrando que outras raças tiveram seu papel na construção da sociedade brasileira, e que seu estudo apenas enriquecem e favorecem um projeto de mudanças sociais a partir da educação escolar.



Fonte:

<http://servicosweb.cnpq.br/wspessoa/servletrecuperafoto?tipo=1&id=K4592146Y0>

Ao longo da História do Brasil percebemos que negros e indígenas foram silenciados, apagados ou marginalizados, obviamente que isto se refletiu no âmbito escolar, o combate a questões como racismo e desigualdade social visam a valorização destas culturas e etnias. Desta forma, a sala de aula precisa exercitar práticas pedagógicas que não apenas respeitem, mas reconheçam e valorizem essas diferenças culturais e étnicas do Brasil, proporcionando uma educação que promova a igualdade.

Desta forma percebemos que a relação do autor com a escravidão se iniciava em sua família, por ser neto de escravizados e negro, inevitavelmente estas questões permeariam toda a sua experiência de vida. Seja como cidadão, autor ou funcionário público, Assis vivenciou o processo abolicionista em suas fases mais significativas como a Lei do Ventre Livre em 1871, a Lei dos Sexagenários em 1885 e finalmente a abolição estabelecida com a Lei Áurea em 13 de maio de 1888, além de vivenciar o período pós-abolicionista.

E é em meio a esta sociedade escravista, fortemente marcada por divisões sociais e teorias raciais que Machado de Assis escreve, obviamente que estas questões o afetavam diretamente, fosse enquanto autor ou em seu papel como funcionário público e combatente contra a escravidão.

Segundo o letrólogo Eduardo de Assis Duarte, Machado de Assis nasceu em uma família de ascendência negra e sem posses, configurando-se um entre muitos descendentes de negros que experimentavam uma sociedade escravista e preconceituosa, ou seja, cresce e se desenvolve enquanto autor em um “ambiente de flagrante rebaixamento da afrodescendência que o autor mulato, neto de escravos e nascido no morro do Livramento, irá aos poucos se firmando como a grande voz da literatura de seu tempo” (DUARTE, 2009, p. 252)



Desta forma, sua escrita desenvolveu-se em meio a existência de teorias que visavam a manutenção de uma hierarquia social baseada na superioridade racial branca, embasada em um cientificismo que afirmava a existência desta hierarquia racial, assim como com a condenação da miscigenação que representava uma degeneração para o povo brasileiro.

Ou seja, um autor negro, que produziu suas narrativas, em meio a uma sociedade marcada por esses preconceitos, e cujo público leitor concentrava-se justamente em membros desta elite branca e racista, precisou fazer uso da sua inteligência e talento para construir narrativas que acabavam por pensar e refletir sobre estas questões sem agredir diretamente seus leitores.

[illegible][illegible]



CAPÍTULO 3

3. SILENCIAMENTOS: uma reflexão sobre questões étnico-raciais e de gênero

O batismo de um logradouro público se dá por meio de um projeto de lei, que deve ser proposto por um vereador e tem até 60 (sessenta) dias para ser decidido na Câmara Municipal. Em meio a todos os elementos do nosso dia-a-dia, há um questionamento: que ruas são essas que passamos todos os dias e se cristalizam como referências? Quem são essas pessoas que nomeiam essas ruas? E sobretudo, porque a maioria dos homenageados, em nomes de ruas, fazem designação a figura masculina?

Quando partimos para a realidade de Brejo, podemos perceber dentre essa questão da ausência da representatividade feminina também a questão do não reconhecimento étnico, visto que se trata de uma localidade reconhecida por um elemento muito importante: a presença de povos originários na região. Todavia, quando observamos particularmente as nomenclaturas das ruas da cidade, podemos observar que não há ruas com denominação em referência aos povos indígenas.

3.1 Porque os povos indígenas não estão sendo representados nos logradouros públicos?

Antes de adentrar para a questão proposta aqui, é oportuno trazer as considerações de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

(1990), no qual afirma que o estudo dos nomes, em especial os de lugares, é capaz de inferir em diversos aspectos culturais e históricos da fala, pois, para a autora, os topônimos são considerados “verdadeiros testemunhos históricos” de ocorrências de um povo em seus diversos momentos histórico cultural.

Partindo desse pensamento, vamos buscar aqui compreender, o porquê da ausência dos povos indígenas representando os nomes de logradouros públicos das vias públicas, especialmente no contexto de Brejo.

Você sabia?

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é uma linguista brasileira conhecida por seus trabalhos sobre toponímia. É professora livre-docente da Universidade de São Paulo. Dick é considerada a "maior representante dos estudos toponímicos no Brasil".[4]



Brejo, como salientado no início, tem sua formação a partir do estabelecimento na região, de uma aldeia indígena, os Anapurus, como ressaltado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no Maranhão (2000), “cujo primeiro registro de sua presença feita pelos portugueses data de 1654, quando o padre jesuíta Antônio Vieira em viagem de reconhecimento percorreu o Parnaíba”. Já a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* (1959, mp.86), afirma o seguinte: “Anapurus, segundo uma carta de 1686 do governador de Pernambuco, é uma currutela de “Muypurás”, índios das margens do rio Parnaíba. É o elemento etimológico mais antigo conhecido dos índios brasileiros, palavra que significa Fruta do Rio”. No livro *“Acheegas para a História de Brejo”* (1973), de Manuel Vicente, e Aderson Lago, *em Brejo, Terra dos Anapurus* (1989), conta que desde 1684, os tapuias Anapurus já habitavam uma região lacustre e lodosa, mais tarde identificada por Aldeia Baixa ou “Tapuïrama”, finalmente Brejo. “Ali onde os tapuias se instalaram, nas proximidades havia enormes árvores corticeiras-mulungús-gramicease e ervas rasteiras formam um tapete verde que recobre os solos escuros”. (Vicente, 1973, p. 5). Tais evidencias demonstram a expressividade de povos indígenas na região.



Fonte: Lima Júnior, 2022, p. 62

Para evidenciar a influência dos povos indígenas na formação histórico de Brejo, o poder público municipal construiu, em 2004, no portal de entrada da cidade, o monumento dos "Índios Muypuras". Este monumento se tornou um dos principais símbolos que representam a herança social e histórica do Brejo. Contudo, as homenagens aos povos originários na cidade ficou restrita apenas ao monumento.



Ao lançarmos nossos olhares para os nomes de logradouros públicos da cidade, neste caso, as ruas, avenidas, praças e demais monumentos, não há presença de nomenclaturas com referencia a matriz indígena levando em consideração a presença dos povos indígenas na história e cultura brejense o que demonstra uma desvalorização de âmbito étnico.

Mas você já parou pra refletir quais as implicações que essa obliteração pode gerar?

De acordo com Karylleila Andrade (2006), a não valorização da cultura sucede num esquecimento de seus antepassados que de alguma forma lutaram por suas terras, pois “todos representam, cultural e linguisticamente, uma soma de experiências históricas e sociais diversificada, de elaboradores saberes e criações, de arte, misticismo, de músicas e conhecimentos originais” (Andrade, 2006, p. 18). A falta de nomes indígenas ou afrodescendentes em logradouros públicos é uma expressão de como esses grupos foram e continuam sendo marginalizados. Embora eles tenham desempenhado papéis fundamentais na formação do Brasil, seus nomes e histórias são frequentemente omitidos do espaço público.

No decorrer desse estudo, vimos como essas práticas de nomear logradouros públicos se tornam atividades excludentes por parte do poder público responsável. Isso reforça a ideia de que as decisões sobre nomear logradouros são influenciadas por interesses políticos e por narrativas dominantes o que resulta na exclusão de outros grupos, como os indígenas.

3.2 Mulheres, “por onde caminham”? Uma reflexão acerca da ausência de ruas com designação feminina.

A prática de nomear os lugares com nomes de mulheres não é uma prática muito comum na toponímia brasileira. Consequentemente o nível de produtividade de topônimos femininos é menor em relação ao número de topônimos com nomes masculinos. Atualmente, as pesquisas existentes se propõem a responder sobre essa invisibilidade da figura feminina na toponímia à luz das questões de gênero.

De acordo com Gregory Combat, do jornal *Brasil de Fato*, em artigo publicado em 2020, a nomenclatura dos logradouros é muito desequilibrada entre os gêneros – 82% das ruas, praças, avenidas, rodovias e viadutos possuem nomes masculinos no Brasil. (Sobre esse resultado, ver, dentre outros; <https://www.brasildefatorj.com.br/2020/07/28/artigo-o-que-os-nomes-das-ruas-avenidas-e-monumentos-dizem-sobre-nossa-historia>),

Em parte, isso reflete o fato de que a participação das mulheres na vida pública é uma atividade recente, visto que apenas os homens eram reconhecidos como pessoas notáveis até cerca de 50 anos atrás.

Além dos nomes de santos católicos, uma série de homenagens são feitas a homens e mulheres escolhidos como nomes de ruas e logradouros. D. Pedro I e D. Pedro II também seguem na lista dos principais nomes de ruas, praças e avenidas. Outros políticos importantes nessa listagem são José Bonifácio e João Pessoa. Dentre os artistas, merecem destaque Olavo Bilac, Monteiro Lobato, Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Gomes – todos eles com mais de 250 logradouros com seu nome no Brasil.



Fonte: Alexandre Cunha, disponível em:
https://leiamaisba.com.br/thumbnail.ashx?w=1170&h=0&img=%2fupload%2fimages%2f2017-04-24%2f20170424085112_st1_1.jpg&s=y

Já entre as mulheres, a mais destacada de todas é Princesa Isabel, com 403 ruas, praças e avenidas com seu nome no país, seguida por Joana D'Arc, Anita Garibaldi, Cecília Meireles e Elis Regina. Dentre as heroínas históricas, estão Ana Nery – a enfermeira da Guerra do Paraguai – e Maria Quitéria. Há na lista várias artistas, como Clara Nunes, Carmem Miranda, Dalva de Oliveira, Rachel de Queiroz, Cora Coralina, Dolores Duran e Leila Diniz. A imperatriz Leopoldina também é muito citada dentre as escolhidas para nomear logradouros.

Alguns locais estão criando políticas para diminuir a diferença de gêneros entre os nomes das ruas.

Dentre os homens, a personalidade mais homenageada nos logradouros brasileiros é Tiradentes, com 657 registros espalhados no país, seguido por Getúlio Vargas, Santos Dumont, Duque de Caxias, Castro Alves e Rui Barbosa. Dentre os presidentes mais citados, estão Tancredo Neves, Castelo Branco, Juscelino Kubitschek e Floriano Peixoto.



Fonte:

<https://i.pinimg.com/236x/f0/93/28/f093281cf2deb637689943f5361f94bb.jpg>

RUA MARIELLE FRANCO

No artigo ***“RUA MARIELLE FRANCO: LUTAS E SIMBOLISMO ACERCA DO ATO DE NOMEAÇÃO E RENOMEAÇÃO DE ESPAÇOS PÚBLICOS”*** (2019), do historiador **João Paulo França**, trata sobre os processos de nomeação de ruas e as disputas políticas e ideológicas. Para tanto, ele utiliza o caso da vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018.

Marielle Franco foi uma defensora intensa de minorias e construiu uma identidade junto a estes grupos, por meio de sua atuação profissional e parlamentar. Mulher, negra e lésbica, trabalhou no Centro de Ações Solidárias da Maré (CEASM). Como assessora parlamentar do deputado Marcelo Freixo, atuou junto à Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Estadual do Rio de Janeiro.

As lutas da vereadora em vida deixaram um legado que pode ser identificado por aqueles que simpatizam por suas causas. recebeu uma placa com esta homenagem, todavia, foi retirada e em outro espaço quebrada perante um determinado público. Ampliando tal disputa simbólica, milhares de placas foram confeccionadas e se espalharam por distintas partes do mundo. Assim, seja o ato de enaltecer, ou de esconder o nome da parlamentar, tais ações se inserem em um contexto mais amplo de disputa simbólica”.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick em 1996 trazia essa questão à tona ao enfatizar a desvalorização das mulheres no contexto histórico do nosso país e isso pode ser evidenciado quando ela fala que “se levar em conta terem sido raros, na época estudada, o aparecimento de nomes femininos como índices motivadores da **toponímia** [...] “a preferência recaía sempre em nomes masculinos” (Dick, 1996, p. 206).

É interessante observarmos que a autora acima faz essa constatação há quase 30 anos e mesmo assim ainda nos deparamos com um cenário bem semelhante. Dick ressalta, ainda, que mesmo em comunidades em que houve casos de mulheres que tiveram forte influência na localidade mas mesmo assim não tiveram seus nomes lembrados na toponímia urbana. Ao refletirmos sobre isso, certamente, Brejo, teve mulheres que tiveram influência em prol de melhorias para a cidade, mas apesar disso, das ruas aqui analisadas, apenas 01 delas homenageia uma figura feminina; essa no entanto, não tem relação com a cidade.

No Rio de Janeiro, uma lei municipal de 1999 tornou obrigatória a alternância de gêneros para a nomeação de logradouros em igual proporção, mas até 2018 apenas 15% das ruas da cidade possui nomes femininos. Já no Recife, um levantamento realizado em 2012 pela prefeitura apontou que menos de 5% dos nomes de ruas levam títulos femininos, muitas delas não identificadas. No Brasil, os estados que mais homenageiam homens são Roraima e Rio Grande do Sul, com mais de 90% dos endereços com nomes masculinos. Já a Paraíba, o Maranhão, Tocantins e o Amapá são os estados mais equilibrados.

Penha Mara fernandes Nader, (2007), ao dissertar sobre essa temática afirma que, embora o movimento feminino já tenha avançado bastante, no sentido de sua luta por emancipação, ainda é possível observar algumas permanências em nossa sociedade quanto a descriminalização de gênero, e, “nesse sentido constata-se uma discriminação não tão manifesta, mas nem por isto menos importante, que é o ato de nomear um logradouro público nas cidades” (p.71). sobre isso, a autora adverte da existência de mecanismos sociais que estabelecem relações de gênero de modo hierárquico, provocando desta forma, desigualdades. Dentre esses mecanismos, a mesma justifica a questão da cultura tradicional, uma vez que socializa de forma diferente o masculino do feminino, e porque de modo geral, associa o homem ao público e a mulher ao privado, às estruturas familiares rígidas e hierarquizadas e à cultura e aos costumes da sociedade brasileira que sempre impuseram às mulheres dificuldades em conciliar vida pública e vida privada.

De acordo com a pesquisa realizada em 2022, Santos; Carvalho; Ferreira, ao analisarem 19 (dezenove) ruas de Brejo, constataram uma completa dominação da representação masculina nas ruas da cidade. “Apenas uma mulher dá nome a rua, a senhora Alexandra Tavares (1969-), que, por seu turno, não tem vinculação alguma com a realidade local.

Políticos, militares e comerciantes cujas histórias se vinculam a grupos de dominação social, constituem a maior parte daqueles que dão nome às ruas, sendo de se destacar três literatos e um religioso.” De fato, obliteração, esquecimento e lembrança são processos essenciais na nomeação e renomeação de ruas. E também espaços para observamos conflitos sociais.

Na sociedade brasileira, as relações de gênero são, historicamente, desproporcionais, isso se dá devido alguns fatores, como fragilidade, recato, predomínio das faculdades afetivas sobre as intelectuais, e a subordinação da sexualidade à vocação maternal estão relacionadas à figura feminina.



CONCLUSÃO

Mediante o exposto podemos vislumbrar que a nossa cidade não apenas possui história (as) como memória, esta por sua vez está escrita e pode ser narrada de diversas formas ou a partir de diversos lugares de nossa Urbe. A cidade metaforicamente pode ser compreendida como “grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos.” (BARROS, 2007, p.45).

Em virtude disso, podemos evidenciar a importância do conhecimento referente a História Local, assim como sua contextualização no âmbito escolar. Ao buscar estudar a História da cidade de Brejo, a partir de suas principais vias, buscamos ressignificar o ensino de História Local desenvolvido na rede de ensino público de educação básica do município, propiciando aos educandos um novo olhar relativo ao conhecimento histórico. Assim, ao analisar as principais ruas de Brejo podemos constatar que o nome da rua não é posto por mero acaso; compreendemos que o nome de uma rua registra no tempo e na memória as transformações sociopolítica e cultural de um lugar. Elas são apontamentos da memória individual e coletiva. Nomear não é um processo “neutro”: tem “intenções” construídas por um determinado grupo social em um determinado tempo histórico.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

TEMA: RUAS DE MEMÓRIAS: Ensino de História Local a partir dos nomes das ruas de Brejo - MA

DISCIPLINA: História

PÚBLICO ALVO: Ensino Fundamental maior e médio

DURAÇÃO: 4 aulas/ 45m

RELEVANCIA GERAL PARA A APRENDIZAGEM: O material visa auxiliar na inserção do ensino de história local em sala de aula, tendo em vista a importância dessa abordagem para a construção da aprendizagem histórica dos estudantes; colocando-os como sujeitos participantes desse processo de ensino e aprendizagem e despertando seu interesse em conhecer e valorizar a história da sua cidade de modo crítico.

RECURSOS NECESSÁRIOS: notebook, datashow, quadro branco, etc.

CONTEÚDOS

1º MOMENTO: Apresentar aos alunos o conteúdo central da aula, ou seja, o estudo da história local por meio dos nomes das ruas, contextualizando essas práticas em cada período histórico proposto; introduzir as análises em torno da importância da História Local e sua relação com a memória e a identidade dos sujeitos, em seguida adentrar para as ruas da cidade de Brejo, por meio da exposição de imagens e sua descrição; analisando sua construção histórica e os respectivos nomes dos logradouros de modo a problematizar a escolha dos respectivos nomes.

2º MOMENTO: Fazer uma breve análise acerca de algumas personalidades que dão nome as ruas da cidade, de modo a vincular a conteúdos trabalhados a partir da história nacional, ou mesmo de modo interdisciplinar, destacando por exemplo a literatura como maneira de abordar a questão local.

3º MOMENTO: Problematicar com os alunos os processos de desigualdades por meio das escolhas dos nomes de logradouros públicos, particularmente em relação a questão étnico-racial de gênero. Para esse momento final, tem-se a seguinte sugestão: a partir de uma roda de conversa, propor que os alunos, pesquisem o porquê da nomeação das ruas em que residem, e partir disso, identificar se há a necessidade de uma renomeação; os alunos terão que fazer uma justificativa do porquê da mudança e da escolha do nome que irá substituir.



REFERÊNCIAS

ANDRADE, Karylleila dos Santos. **Atlas Toponímico de Origem Indígena do Estado do Tocantins** – Projeto ATITO. 2006. 187f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BARROS, Carlos Henrique. Ensino de História, memória e história local. **Revista de História da UEG**, v. 2, n. 1, p. 301-321, 27 ago. 2013.

CHARTIER, Roger. **História Cultural**: entre práticas e representações. Algés: Diel, 2002.

COMBAT, Gregory. O que os nomes das ruas, avenidas e monumentos dizem sobre nossa história. **Jornal Brasil de Fato**. Rio de Janeiro, 28 de jul de 2020.

DIAS, Gonçalves. **Cantos**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DIAS, Reginaldo Benedito. **A História Além das placas**: Os Nomes de Ruas de Maringá (PR) e a Memória Histórica. Hist. Ensino, Londrina, v. 6, p. 103-120, out. 2000.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Estratégias de caramujo**. In. MACHADO DE ASSIS, J. M. disponível em: <https://www.clickideia.com.br/portal/conteudos/c/35/25097>

LAGO, Aderson de Carvalho. **Brejo, aldeia dos Anapurus**. São Luiz – MA: Secretaria de Cultura, 1989.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernado Leitão et al. 5ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

Machado de Assis. **afrodescendente: escritos de caramujo** [antologia].

NADER, Penha Mara Fernandes. **A sutileza da discriminação de gênero na nomenclatura dos logradouros públicos**. Vitória (ES). 1970-2000. Vitória, 2007.

RIBEIRO, Marcus Vinícius da Rocha. **Machado de Assis como possibilidade pedagógica para uma educação antirracista no ensino de História**. Dissertação. 2022.

SANTOS, Eraneide Miranda dos; CARVALHO, Patrícia Viana de; FERREIRA, Roseane Silva. **NAS CURVAS DA MEMÓRIA E DA EDUCAÇÃO HISTÓRICA**: Uma proposta de Aprendizagem Histórica através da (re) nomeação das ruas da cidade de Brejo/MA. Brejo-Ma. 2022.

COMBAT, Gregory. **O que os nomes da ruas, avenidas e monumentos dizem sobre nossa história.** Jornal Brasil de Fato. Rio de Janeiro, 28 de jul de 2020.

GLOSSÁRIO

ANAPURUS - VOCÁBULO ANAPURUS É UMA CORRUPTELA DE MUYPURÁS - ÍNDIOS QUE VIVIAM ÀS MARGENS DO RIO PARNAÍBA - E SIGNIFICA FRUTA DO RIO. EM DIVISÃO TERRITORIAL DATADA DE 1-VII-1950, O MUNICÍPIO É CONSTITUÍDO DE 2 DISTRITOS: BREJO E ESTRELA DOS ANAPURUS. ASSIM PERMANECENDO EM DIVISÃO TERRITORIAL DATADA DE 1-VI-1960. PELA LEI ESTADUAL Nº 2378, DE 09-06-1964, DESMEMBRA DO MUNICÍPIO DE BREJO O DISTRITO DE ESTRELA ANAPURUS. ELEVADO À CATEGORIA DE MUNICÍPIO COM A DENOMINAÇÃO DE ANAPURUS. EM DIVISÃO TERRITORIAL DATADA DE I-I-1979, O MUNICÍPIO É CONSTITUÍDO DO DISTRITO SEDE. ASSIM PERMANECENDO EM DIVISÃO TERRITORIAL DATADA DE 2005

IGARANA - NOME DADO AO RIACHO QUE CORTA A CIDADE DE BREJO, SEU SIGNIFICADO ESTÁ ATRELADO AO FATO DA PRESENÇA DE UMA ÁRVORE QUE DÁ UM FRUTO CHAMADO “INGÁ” NAS MARGENS DO RIACHO.

PIANAÇU E UBOYTYATÁ - NA ENTRADA DA CIDADE ENCONTRAMOS O MONUMENTO EM REFERENCIA AOS INDÍGENAS PIANAÇU E UBOYTYATÁ, QUE SEGUNDO A LENDA BREJENSE, FORAM OS PRIMEIROS INDÍGENAS A POVOAR A REGIÃO.